

Entrevistas

Gestores



FREDERICO DAIBERT MONCORVO



Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Engenheiro Civil, formado pela Escola de Engenharia Mauá/Instituto Mauá de Tecnologia (IMT), de São Paulo, no final de 1973. Ingressou na, então, Vale do Rio Doce para atuar na questão habitacional dos empregados e depois se tornou coordenador da Fundação Vale no Espírito Santo e Bahia. Atua como voluntário em ONGs. É músico, escritor e fotógrafo

Função atual

Aposentado

Nós víamos um brilho nos olhos das crianças e isso nos deixava emocionados, ficávamos impressionados com aquilo. Eu tinha a certeza de que dali sairiam muitos músicos, que essa ação poderia transformar a realidade em que eles viviam. Criamos o Projeto Vale Música Academia de Ensino com base nisso. O Projeto teve início com os Concertos Didáticos e se transformou em Academia de Ensino”

Frederico Moncorvo



Coordenador da Fundação Vale no início dos anos 2000, Frederico Moncorvo defendeu a criação de projetos sociais, como o Vale Informática e o Vale Música. Foto: Acervo pessoal

Em que ano o senhor começou a trabalhar na Vale e qual função exercia na empresa quando o Vale Música foi lançado no ano 2000?

Quando houve a privatização da Vale, a Fundação passou a ser o braço social. Quem tocou os primeiros projetos da Fundação foi a diretoria da gestão do Roger Agnelli. Eu era o coordenador local e responsável pelo Espírito Santo e Bahia; tinha um coordenador de Minas Gerais, um do Maranhão, outro do Pará e do Rio de Janeiro. Os projetos foram surgindo de acordo com a personalidade de cada um. Nós apresentávamos as ideias, se a diretoria aprovasse, nós tocávamos o projeto.

O primeiro projeto foi o Vale Informática. Os computadores já usados eram doados por meio da Fundação, e a diretoria local passou essa atribuição para a Fundação. Como sou engenheiro de formação, músico e fotógrafo, tenho uma visão mais eclé-

tica. Então pensei: não vou ficar dando computador; vou criar um projeto social. Fiz uma parceria com a área de informática da Vale, por meio da qual restaurávamos os equipamentos. Também fizemos parcerias com instituições dessas regiões, de forma que elas forneciam o espaço e os professores, e nós fornecíamos as ferramentas e a instrução dos professores. Nós fornecemos toda a estrutura. O Vale Informática foi um projeto de que a imprensa e a mídia gostaram, e que já começou com a marca da Vale.

Nesse período, a Gracinha Machado e o José Benedito me procuraram na Fundação para pedir apoio para a Orquestra, que estava enfrentando muitas dificuldades. Eles eram da Associação dos Amigos da Orquestra e pediram recursos. Eu disse que não trabalhávamos dessa forma e sugeri que nós poderíamos pensar num formato de projeto social. Daí, surgiu o Projeto Vale Música Concertos Didáticos. A Orquestra apresentava um concerto e fizemos uma parceria com as Prefeituras. Nós dávamos apoio para a Orquestra, transporte, logomarca e camisetas, e os alunos participavam de uma apresentação da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Os músicos da Orquestra recebiam por isso. Então, o projeto teve início como Vale Música Concertos Didáticos.

Por meio desse recurso, a Orquestra Filarmônica se fortaleceu. Aí entra um detalhe importantíssimo: nós víamos naquelas crianças um brilho nos olhos. Eu tenho experiência em ONG; desde jovem visito e participo dessas organizações. Isso me ajudou na elaboração do projeto porque eu conhecia as periferias, conhecia um pouco da realidade das áreas menos

favorecidas. A minha experiência não é de mestrado ou doutorado, é de vida nesses espaços. Eu tinha a certeza de que dali sairiam muitos músicos, que aquela ação poderia transformar a realidade em que eles viviam. Criamos o Projeto Vale Música com base nisso.

O Projeto teve início com os Concertos Didáticos e se transformou em Academia de Ensino. Todos os projetos sempre foram realizados em parceria com a comunidade. Eu, como coordenador do Espírito Santo e da Bahia, nunca quis impor um projeto que fosse a minha vontade. Sempre ouvíamos a sociedade e contávamos com a participação e o pensamento da comunidade, que apoiávamos através da gestão e da administração.

É muito emocionante ver os jovens e adolescentes aprendendo, e o Vale Música foi crescendo. Àquela altura, o Vale Informática já tinha crescido para outros estados. O projeto de informática formou e treinou 100 mil pessoas, é muita gente. E o Vale Música também começou a se expandir.

Soresini era gerente de Meio Ambiente e eu tinha uma relação muito boa com ele. Meus cinco últimos anos na Vale, em que trabalhei com o Luiz, foram um período espetacular na minha carreira. Ele é uma pessoa especial.

Na época, o Fábio Carvalho me procurou solicitando patrocínio para sua associação. Eu lhe disse que não poderia fornecer dinheiro para a ONG dele, mas sugeri uma associação com o Projeto Vale Música. Aí desenvolvemos o projeto juntos e foi um sucesso. Outro projeto se deu na área de cinema, com a Beatriz Lindenberg, que criou o Festivalzinho de Cinema.

Nessa época descobrimos, através do Banco Real, que podí-

amos fazer uso da Lei Rouanet para os nossos projetos. O primeiro a fazer uso desse incentivo fiscal foi o Museu Vale.

Qual foi o seu papel no desenvolvimento do Projeto Vale Música?

Eu defendia que a empresa deveria sair do varejo social, que era algo que muitas empresas faziam no Espírito Santo. Defendia mais projetos transformadores, que provocassem uma transformação nos territórios. A Vale gostou tanto dessa ideia que começou a levá-la também para outras áreas. Esses projetos de transformação de territórios foram a base, por exemplo, da criação da Estação Conhecimento. Mas não participei do Projeto Estação Conhecimento; acho que foi mais um fruto da cultura que estávamos levando para dentro da Fundação Vale. A migração do Programa Vale Música para a Estação Conhecimento foi um transplante de um projeto de sucesso.

Lembro que na época do Roger Agnelli (ex-presidente da Vale), houve um debate sobre a alteração do nome Companhia Vale do Rio Doce. Foi, então, realizada uma pesquisa e constatou-se que todas as associações positivas levavam o nome da empresa, como Vale Música, Vale informática etc. Isso foi determinante para que se optasse por Vale. A palavra estava associada ao sucesso empresarial e isso se devia muito aos projetos sociais que a Vale desenvolvia.

Quais foram as dificuldades iniciais na implantação e desenvolvimento do Projeto Vale Música?

As dificuldades iniciais foram inúmeras e o Projeto era uma visão da própria Fundação. A dedicação da Gracinha Machado, do José Benedito e também minha foi fundamental. É importante também ouvir o Edu Henning, ele era presidente da Associação dos Amigos da Orquestra e teve uma atuação importante naquele momento. O Projeto foi implementado devagar: primeiro, com os Concertos Didáticos e, depois, com a Academia de Ensino. E aí, fomos avançando com o Cecaes e o Fábio Carvalho.

A estrutura da Orquestra foi muito importante, assim como a Gracinha e o Benedito e, também, a estrutura da Associação dos Amigos da Orquestra. Em nenhum momento posso dizer que fiz tudo. O Projeto foi construído por várias mãos e aos pouquinhos: através da parceria com as Secretarias de Educação dos municípios, para os Concertos Didáticos, e depois por meio da parceria com as Secretarias de Ação Social das prefeituras, para o Projeto Vale Música Academia de Ensino. Meu papel era o de fazer a orientação com foco na administração e na gestão. Eu tinha que fazer a defesa no Conselho da Fundação Vale, onde os projetos poderiam ser aprovados ou não. Nós tínhamos autonomia. Tudo o que fizemos foi com parceiros locais e sensibilidade para as necessidades da comunidade, no sentido de fazer aquilo que eles realmente precisavam.

A Estação Conhecimento é um projeto muito bom, estruturante. Não é um varejo social, é um projeto de transformação.

Quais foram os momentos mais marcantes e emocionan-

tes que você vivenciou com o Projeto Vale Música?

Não foi um nem dois: guardo no coração mil momentos maravilhosos. Quando eu participava dos Concertos Didáticos, ficava muito emocionado ao ver o brilho nos olhos das crianças. Quando visitava as aulas de informática, nos bairros periféricos, e via aqueles meninos aprendendo os programas de Word, de Excel e de PowerPoint, tinha uma alegria profunda. Quando via o Festivalzinho de Cinema, no teatro lotado, com a Beatriz Lindenberg no comando, e a Banda de Congo tocando a trilha sonora de um filme feito pelas crianças do bairro São Pedro... E teve o projeto daquele músico famoso (*NE: Marcelo Bratke*) que levou as crianças para Nova York. Da mesma forma, fiquei emocionado quando a Beatriz levou um menino que nunca tinha saído daqui para participar do Festival Anima Mundi, na Itália. Toda essa criação se deu a partir da nossa visão social.

O senhor se lembra de jovens, de alunos ou de familiares que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música?

Conheço muitas famílias e vários adolescentes que me agradeceram. Foram muitas pessoas. Não me lembro dos nomes. Mas eu respondia a eles: primeiro agradeça a Deus; em segundo lugar, à Orquestra. O Projeto mudou a vida de muita gente. Não só o Vale Música, como também o trabalho do Fábio Carvalho. Quantas crianças tiveram suas vidas transformadas através do projeto do Fábio apoiado pela Vale? Ou do projeto

de cinema da Beatriz Lindenberg?

Todos esses momentos não têm preço. Posso dizer, com muita honra e com muita alegria, que fiz isso tudo com muito prazer, muita dedicação e muito amor, e faria tudo de novo. Carrego hoje essa felicidade no meu coração: trabalhei e fui instrumento de transformação.

A longevidade do Projeto Vale Música é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

Hoje está mais do que claro que o investimento social dá retorno financeiro às empresas. Primeiramente, falo da importância de uma empresa não só pela geração de renda, mas pela geração de emprego, pois esse emprego gera vida e impacta no comércio. As empresas entenderam também que têm uma função social. E hoje os empresários sabem claramente do retorno proporcionado pelo investimento social e a atenção à questão ambiental. Acredito que vamos entrar agora num terceiro movimento, em que as empresas irão enxergar a importância da visão espiritual para o seu sucesso. Esse será o terceiro movimento e já está acontecendo.

LUIZ SORESINI



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Formado em Economia pela Ufes em 1967. Iniciou suas atividades em instituição financeira e, em seguida, desenvolveu o projeto florestal da Aracruz Celulose e participou do projeto da construção da fábrica. Após se aposentar, foi presidente da ADERES

(Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo). Depois dessa experiência, foi contratado pela Vale para atuar como gerente da Assessoria de Meio Ambiente, diretamente ligada à Diretoria de Tubarão, no período pós-privatização, em 2001, tendo permanecido na empresa até 2008. De 2009 a abril de 2020, atuou como consultor da Vale na área de Relações Institucionais

Função atual

Consultor aposentado na área de Relações Institucionais

Não tenho dúvidas de que vai crescer cada vez mais no país o compromisso das empresas no sentido de promoverem projetos desse quilate. O governo sozinho não vai conseguir tocar todas as situações de relações sociais no país. As empresas precisam descobrir nichos que promovam realmente o desenvolvimento da sociedade, com a promoção do seu próprio nome. Essa é uma troca permanente entre a melhoria da sociedade e também a promoção do nome da própria empresa”

Luiz Soresini



Soresini acredita que as empresas precisam descobrir nichos que promovam o desenvolvimento da sociedade juntamente com o seu próprio nome. Foto: Acervo pessoal

Em que ano o senhor começou a trabalhar na Vale e qual função exercia na empresa quando o Vale Música foi lançado em 2000?

Logo que entrei na Vale, em 2001, o Frederico Moncorvo estava desenvolvendo e implantando um projeto chamado Vale Informática, que visava ao aproveitamento de todos os equipamentos de informática que a Vale teve de substituir por materiais mais modernos após a privatização. Esses equipamentos

foram doados para associações municipais criarem suas escolas de informática. Foi um trabalho belíssimo, feito principalmente na região da Grande Vitória, e o passo seguinte foi a criação do Projeto Vale Música, porque um projeto puxa o outro.

Na época, a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo passava por dificuldades e seus integrantes fizeram um apelo para apoiarmos suas atividades. Então, criamos o Vale Música com o mesmo espírito de levar a música para os bairros e para as associações, aproveitando o conhecimento dos professores da Orquestra como instrutores. E, assim, criou-se uma condição para a empresa patrocinar o salário desses professores, que atravessavam um momento de dificuldade financeira.

Qual foi o seu papel no desenvolvimento do Projeto Vale Música?

Minha contribuição foi a de gestor, de apoiar o Frederico no desenvolvimento dessa ideia. Fiz o papel de ponte entre a administração da Vale e o executor do projeto, e me contaminei com a ideia, o que permitiu um fluxo muito adequado de apoio, tanto institucional quanto financeiro, para o desenvolvimento dessa ideia, que é brilhante demais.

Quais as dificuldades encontradas na execução do Projeto naquele momento?

A dificuldade principal ocorreu em função da Orquestra que pedia socorro para sustentar o salário dos seus componentes.

Por outro lado, nós não tínhamos uma maneira de fazer uma doação; isso não era possível. Então, a ideia de criar o Projeto Vale Música nos permitiu trazer os professores da Orquestra para dentro do Vale Música e recuperar a Orquestra, de tal forma que ela pudesse pagar os seus músicos e professores. Foi uma ideia brilhante trazer para a gente a Orquestra do Estado, que estava em dificuldade, e desenvolver um projeto voltado para toda a sociedade, em todos os bairros e municípios. Isso foi genial.

Quais ações foram implementadas no sentido de ampliar e fortalecer o Projeto?

A principal delas foi descobrir essa ligação de provimento financeiro para a Orquestra, fazendo com que o Vale Música se realizasse. A Vale também teve uma contribuição muito grande ao fornecer equipamentos, instrumentos e locais onde se pudesse reunir essa garotada para a prática musical. E o Projeto Vale Música, por si só, faz uma ligação com todos: com aquele que quer, com aquele que precisa, e todos se desenvolvem juntos. Isso foi muito brilhante.

Quais os momentos mais marcantes e emocionantes o senhor vivenciou com o Projeto Vale Música? Pode citar algumas apresentações e concertos que ficaram na memória?

Foram diversos momentos...Não vou me lembrar de todos. Mas o Vale Música fez apresentações fora do estado, no Gover-

no Federal, no Rio de Janeiro. Eles se apresentaram diversas vezes no Espírito Santo e fora do estado. Isso nos orgulhou muito. E você assistir àquele menininho que você viu começando a tocar, aprendendo a tocar algum instrumento, e mais tarde ele se torna o maestro regente do grupo...Isso não tem o que pague, não é? Isso me emociona até hoje. (choro)

O senhor se lembra de jovens alunos e ex-alunos ou famílias que tiveram suas vidas transformadas através do projeto Vale Música?

Sim! Não vou citar nomes porque eu esqueço, mas diversos alunos se tornaram maestros e hoje são músicos fora do estado. Eles tiveram essa oportunidade uma vez que se aplicaram dentro do Projeto Vale Música. O Lucas Anísio, um menino que entrou no Vale Música para aprender, hoje rege uma orquestra inteira no Projeto. Isso pra gente é um orgulho muito grande.

A longevidade do Projeto Vale Música é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

Eu não tenho dúvidas de que vai crescer cada vez mais no país o compromisso das empresas no sentido de promoverem projetos desse quilate. O governo sozinho não vai conseguir tocar todas as situações de relações sociais no país. Existem empresas que exploram um setor e outras empresas que exploram outros. É por esse caminho que as empresas precisam desco-

brir nichos que promovam realmente o desenvolvimento da sociedade, juntamente com a promoção do seu próprio nome. Essa é uma troca permanente entre a melhoria da sociedade e também a promoção do nome da própria empresa. O caminho é este: nós nos conscientizarmos de que o governo não é capaz de desenvolver tudo o que ele precisa desenvolver. É preciso repartir as responsabilidades. Veja um outro grande projeto da Vale, a Estação Conhecimento. Existem Estações que são sucesso no Brasil, como é o caso da Serra. Você tem uma pessoa como a Ana Angélica Motta (diretora da Estação Conhecimento de Serra), que incorpora isso. Ela é o Projeto. Frederico e eu só fizemos o “oba-oba” para ela caminhar. Precisamos acreditar nas pessoas e fazer as coisas acontecerem.

Toda vez que entro na Estação Conhecimento, eu me emociono. Lembro de casos muito interessantes referentes àquele Projeto. É um Projeto de R\$ 18 milhões de cuja construção participei ativamente.

Você olhava para as famílias e via muitos casos em que o menino não tinha pai nem mãe, e era criado pela avó. Ou a mãe trabalhava e não tinha ninguém para olhar a criança. Você traz esse menino no contraturno da escola pública e oferece a ele a oportunidade de se alimentar adequadamente, de praticar esportes e de aprender alguma coisa além. E aí você percebe como isso é bonito.

O Projeto Estação Conhecimento foi uma combinação entre a empresa e a sociedade. A sociedade, representada pela Prefeitura, pois várias prefeituras queriam o Projeto. E, na discussão, a Vale se posicionou oferecendo a construção das ins-

talações e fornecendo os funcionários para manter o Projeto funcionando. Em contrapartida, a alimentação seria custeada pela prefeitura. Os meninos viriam para tomar café da manhã adequado ou almoçar e, depois, iniciariam suas atividades. A prefeitura também cumpriu sua parte no Projeto.

Temos que focar na parceria para que todos se sintam vitoriosos.

ANDREIA GAMA



Andreia Gama entrou para a equipe da Fundação Vale em 2005 com a missão de transformar os projetos socioculturais desenvolvidos pela empresa em um programa integrado.

Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Cientista Social com formação em antropologia cultural e ecologia social. Atuação em coordenação de equipes multidisciplinares, desenho e implementação de projetos e programas de intervenção sociocultural

A proposta era realmente trabalhar para a inclusão de jovens e trabalhar a arte como transformação social, principalmente sob a perspectiva da infância e da juventude, com a música como criação de base para a cidadania. Mas a ideia era também a de trabalhar o desenvolvimento de capacidades profissionais”

Andreia Gama

A FUNDAÇÃO VALE E O COMEÇO DO VALE MÚSICA

O Vale Música surge como uma ação de relacionamento e patrocínio da Vale no Espírito Santo à Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (AAOFES), no início dos anos 2000. Algumas pessoas foram fundamentais nessa ação inicial: Frederico Moncorvo e Soresine, pela Vale, Benedito e Tônico, pela AAOFES, e Olinta Cardoso e Ana Paula, pela Fundação Vale, e conversar com eles para o resgate dessa história é fundamental. A iniciativa fez tanto sucesso que a empresa resolveu encaminhar para apoio estruturante da Fundação Vale. Em 2004, o Projeto expande as atividades, apoiando o fortalecimento de Projeto semelhante da Fundação Amazônica de Música, em Belém. Logo depois, inclui, além da música erudita, a perspectiva da música regional, apoiando o Projeto O Congo Na Escola, desenvolvido pelo Fabio Carvalho e Alcione Dias, do Centro Cultural Caieiras (Cecaes), na Ilha das Caieiras, em Vitória. Quando entrei na equipe da Fundação Vale, em 2005, uma das minhas missões era transformar projetos bem-sucedidos, porém pontuais, em um Programa integrado e estruturado, desde a metodologia até a verificação de indicadores e resultados, respeitando-se as identidades culturais locais. Foi um grande desafio, mas com trabalho de equipe, apoio de consultorias especializadas em ações socioculturais e investimento estruturante, ampliamos a ação para o Mato Grosso do

Sul em 2006, apoiando o Moinho Cultural, em Corumbá. Nos anos seguintes, desenvolvemos uma metodologia do Programa Vale Música, que veio a ser uma das referências em projetos sociais na área artística, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional de Cultura e o Programa Cultura Viva, fortalecido e fortalecendo as políticas públicas conduzidas, na época, pelo ministro Gilberto Gil, que ficou à frente do Ministério da Cultura de 2003 a 2008. Foi um período bastante fértil para o desenvolvimento de ações culturais com cunho de desenvolvimento social, baseado em territórios e parcerias intersetoriais.

Integravam o Programa, na época, quatro organizações sociais: Fundação Amazônica de Música (FAM), AAOFES, Cecaes e Instituto Homem Pantaneiro – Moinho Cultural. Juntas, atendiam a aproximadamente 800 crianças e jovens de 7 a 21 anos, em Corumbá, Belém e na região da Grande Vitória. Os grupos de gestores dos Projetos e da Fundação se encontravam periodicamente e buscavam sempre aprimorar os métodos em ações integradas, visando à melhoria contínua do Programa e dos benefícios para os participantes, suas famílias e a cultura brasileira.

Fiquei à frente da coordenação de cultura da Fundação Vale até meados de 2008, quando houve uma mudança de estratégia da Fundação, e passei a gerenciar ações de desenvolvimento territorial no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, e não mais a acompanhar diretamente o Programa Vale Música. Em 2011, criamos novamente a gerência de cultura na Fundação Vale, em

razão da importância do tema e do enorme orçamento via lei de incentivo fiscal disponível na época. No entanto, nos anos seguintes, passamos por mais algumas reestruturações institucionais, e o Vale Música passou então a ser coordenado pela área de Patrocínios da Vale, não mais acompanhado pela Fundação. Desde então, não tenho mais conhecimento a respeito das estratégias e do dia a dia do Programa. Mas, vira e mexe vejo notícias do sucesso que continua fazendo.

A partir de 2013, passei a atuar nas áreas técnicas da Fundação Vale e a cooperar com as gerências de Negócios Sociais e de Impacto e, mais recentemente, na equipe de Metodologias e Inovações Sociais.

VÍDEOS E MATERIAIS INSTITUCIONAIS

Existem muitos vídeos e materiais institucionais sobre o Vale Música e que devem fazer parte dos arquivos da Vale e da Fundação Vale. Como exemplo, cito o “Alma Brasileira”, coordenado pelo Marcelo Bratke, com a participação dos alunos do Vale Música. Um primor de material, fruto de uma ação casada entre o patrocínio da Vale e um projeto social da Fundação Vale. Uma estratégia bem bacana de fortalecimento das ações de contrapartida social da empresa.

DESENVOLVIMENTO E METODOLOGIA DO PROJETO

O objetivo do Programa era o de contribuir para o desenvolvimento humano em diferentes dimensões: a música como elemento catalisador da criatividade, o estímulo lúdico, o fomento ao pensamento crítico, a formação profissional e cidadã. Com foco na inclusão de um público vulnerável socialmente, fomentava o protagonismo juvenil, a valorização e difusão da memória imaterial e a diversidade cultural. Atuava, também, na ampliação do acesso às expressões culturais e na inserção de novos talentos para consumo e produção na Economia Criativa. Era um novo conceito que se fortalecia na época, e o Vale Música buscava se inserir pela capacitação e profissionalização de jovens na cadeia da música.

A proposta metodológica do Programa tinha como premissa geral lidar com os diferentes potenciais individuais, gerando oportunidades e oferecendo capacitação específica para os novos talentos, sem comprometer os processos de aprendizagem e a valorização dos demais participantes. A grade curricular era composta pelos Projetos Academia de Ensino (música erudita) e Cultura Regional, que desenvolviam, nos participantes, competências com relação às percepções, alfabetização e expressões artístico-musicais, à prática de instrumentos e ao treino de voz. Utilizavam-se métodos tradicionais mesclados com experiências contemporâneas. Desse eixo, era prevista a formação de dois percursos: a Formação Musical Avançada e Iniciação

em Profissões Complementares. O primeiro preparava jovens para atuarem como profissionais da música. Aqueles com mais aptidão e vocação musical passavam a compor a Orquestra Jovem Vale Música e viajavam pelo Brasil, e até para o Japão! O objetivo do segundo percurso, o de Iniciação em Profissões Complementares, consistia em propiciar alternativa de profissionalização por meio de cursos e oficinas de som, literatura, cenografia, iluminação, produção executiva, produção de palco e cultural. Fundamentando tudo isso, havia o Apoio Escolar, Informática e Educação e Convivência Comunitária e Cidadã.

Juntava-se ainda a essa grade curricular a inserção dos projetos transversais, geralmente oriundos dos patrocínios da Vale, tais como OSB, Alma Brasileira e Lenine. E ainda contava com o eixo de Concertos Didáticos de apresentações com caráter educativo, para alunos da rede pública de ensino.

Os alunos deveriam estar matriculados na rede pública, mas, caso abandonassem a escola, era oferecido acompanhamento social para reinserção escolar. As aulas eram no contraturno escolar, e eles recebiam lanche, vale-transporte, uniformes, material didático. Os da Orquestra podiam ficar com os instrumentos para praticar em casa. Ao completarem 23 anos, eles poderiam continuar na Orquestra Jovem Vale Música ou em outros grupos que se formavam, como a Camerata Vale Música, por exemplo, mas não receberiam mais os benefícios.

APRESENTAÇÕES MEMORÁVEIS

Destacaria alguns momentos emocionantes, como a apresentação da Orquestra Jovem Vale Música do Espírito Santo na abertura do Festival de Cinema de Vitória, com a participação integrada dos jovens da Academia de Ensino e da Cultura Regional. Foi lindo assistir à música erudita mesclada com as casacas, no ritmo do Congo, típico da cultura capixaba.

Outro momento épico foi quando a Orquestra se apresentou para os trabalhadores da Oficina de Vagões da Vale, no Complexo de Tubarão, levando um ritmo diferente daquele a que estavam acostumados durante a jornada de trabalho. Foi lindo!!

A Orquestra Jovem Vale Música de Belém participou, com o instrumentista Marcelo Bratke, da gravação de um DVD durante sua turnê no Japão.

Foram muitas outras apresentações maravilhosas, com Lenine e com a OSB no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e em salas de espetáculos em São Paulo, Belém, Manaus, Corumbá etc.

A MUDANÇA PARA A ESTAÇÃO CONHECIMENTO

Em 2012, o Vale Música Espírito Santo passou a ser sediada na Estação Conhecimento Serra, com a continuação das atividades de iniciação musical e prática de orquestra, além da inclusão de novas ações no calendário de ativida-

des, como introdução de música popular.

O plano de migração para a Estação Conhecimento, datado de 01 de dezembro de 2012, contemplava aulas de instrumento de categoria, formação de grupos, participação de cerca de 20 alunos no Festival de Música de Domingos Martins, beneficiados, equipe e proposta de local de funcionamento para 250 alunos.

INTERCÂMBIOS

Não tem como falar do Vale Música sem falar dos profissionais por trás dos projetos, os gestores, profissionais da música e sonhadores que trabalhavam pela causa da arte e da justiça social: a Glória Caputo, da Fundação Amazônica de Música, a Márcia Raquel Rolon, do Instituto Homem Pantaneiro, o José Benedito, Helder Trefzger, Modesto Flávio, o Tônico, da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, o Fábio Carvalho e Alcione Dias, do Cecaes, o André Martinez e Leonardo Brant, que nos apoiaram nas primeiras sistematizações da metodologia, e tantos outros talentos que estavam e muitos continuam e se somaram a outros, com os profissionais da Estação Conhecimento Serra, da Vale e da Fundação Vale na concepção e desenvolvimento do Programa.

O que a gente fazia enquanto Fundação Vale na época era conectar os talentos e lideranças institucionais dos três núcleos do Vale Música, do Pará, Espírito Santo e Mato

Grosso do Sul, em uma construção coletiva, integrada e participativa do Programa. O sonho era de constituirmos uma única Orquestra Jovem Vale Música, composta por jovens dos três territórios.

PRINCIPAL COLABORAÇÃO NA GESTÃO DO PROJETO

Penso que entre minhas contribuições para o Vale Música, juntamente com a equipe, está a estruturação dos Projetos em um Programa pensando para além da educação, que é essencial, mas incluindo na estratégia também a perspectiva da profissionalização dos alunos, para que eles fossem realmente músicos no mercado, que tivessem uma formação verdadeiramente embasada com músicos de altíssima qualidade, tendo realmente uma iniciação musical, prática instrumental e formação musical avançada, de modo a se tornarem realmente virtuosos, e não fossem vistos somente como aqueles meninos e meninas carentes que participavam de um projeto social. O objetivo sempre foi o de ser uma escola de música de primeira linha, e isso está na essência do Vale Música, desde a AAOFES, a FAM, o Cecaes e o IHP/Moinho Cultural. Todos eles tinham esse viés de dar oportunidades para que a arte mudasse vidas de fato. A arte como transformação social. Porque esse acaba sendo um setor em que apenas os mais privilegiados conseguem estudar. E não só isso: tinha também apoio escolar, atividade educacional complementar, atividades que possibilitassem que esses jovens se tornassem

músicos completos e em diferentes dimensões.

Internamente, enquanto estratégia de cultura da empresa e de sua Fundação, buscava a integração dos recursos e dos esforços através da inserção e transversalidade das contrapartidas dos projetos patrocinados pela Vale, indo além da contrapartida de imagem e de publicização, que são importantes também, mas atribuindo no processo uma economia circular e uma relação de ganha-ganha: ganha a empresa, o proponente e as comunidades para as quais os projetos sociais são desenvolvidos. Como exemplo disso, além do que já foi mencionado, tivemos também a circulação de shows e espetáculos de vários artistas com ações de sinergia entre o patrocínio da Vale e o social da Fundação. Movimento que parece estar ganhando impulso, amadurecendo e se fortalecendo cada vez mais na empresa, vide a criação e o lançamento do Instituto Cultural Vale. Que tenha vida longa!!

ROBERTA AVIZ DE BRITO FERNANDES



Roberta Aviz mediou a comunicação entre o pianista Marcelo Bratke, professores e alunos durante a temporada da Camerata Vale Música no Japão. Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Engenheira civil especialista em Políticas e Gestão de Organizações Não Governamentais (UnB) com mestrado em Ciência da Informação (UFRJ)

Função atual

Analista de Competitividade do Sebrae (DF)

O Vale Música é tão apaixonante que cada gestor que entrava na Vale conhecia o Projeto e se apaixonava por ele. O mérito da Vale foi o de conseguir puxar pessoas apaixonadas para fazer um negócio para frente, tocar para frente e que se mantém já há 20 anos. Isso tem a ver com o apoio àquela pessoa empreendedora que vai fazer a coisa acontecer. E a Vale conseguiu encontrar pessoas assim. Coincidência ou não, temos grandes mulheres tocando esses projetos”

Roberta Aviz

Qual o seu papel no desenvolvimento do Vale Música Espírito Santo? Quais as ações implementadas no sentido de ampliar e fortalecer o Projeto?

Uma grande dificuldade do Projeto Vale Música sempre foi o fato de que eram quatro Projetos separados e tocados de forma diferente. Quando entrei para o Projeto, vi que o momento era o de falar que se tratava de um único programa. A gente precisava fazer uma conexão entre eles porque todos eram programas de incentivo de música para crianças, porém conduzidos de forma diferente, independentes, separados. E houve um trabalho no sentido de criar uma conexão para mostrar que se trata de um Programa único, porém, com Projetos separados, que tinham suas próprias metodologias e que cada parceiro ia tocando de um jeito. Mas esse desafio de transformar projetos separados em um programa único sempre esteve presente. Então, a gente começou a fazer encontros entre as coordenações, que tinham características muito diferentes. Os encontros foram criados com a função de compartilhamento, para que a gente pudesse trocar as informações e entender o que era a linha mestra do Programa e o que unia esses grupos tão diversos, que poderiam ser Projetos completamente diferentes, caso a Vale não os tivesse unificado. O objetivo era mostrar que eles eram parte de um Programa só. Foi um desafio muito grande pegar coisas variadas, que caminhavam de forma diferente, para transformar no Programa.

Que momentos mais marcantes e emocionantes você vivenciou com o Projeto Vale Música? Quais apresentações e concertos ficaram na memória?

Eu tive oportunidades muito lindas ao longo do Programa, sabe? A gente teve uma turnê pelo Japão que foi uma coisa única. O Marcelo Bratke veio até a Vale e apresentou a ideia de pegar um grupo de alunos e realizar concertos com eles acompanhando uma camerata. Chamamos o grupo de Camerata Vale Música e eles iniciaram as atividades de ensaios. A gente juntou dois mundos diferentes, o que nunca é fácil, mas o projeto tinha qualidade profissional e o resultado foi fantástico. O grupo ensaiou por muito tempo e foi se apresentar nas cidades em que a Vale está presente: Belo Horizonte, Vitória, São Luís e Belém. Lembro que uma das experiências mais incríveis se deu em Carajás. Lá, eles puderam, entre um ensaio e outro, andar de bicicleta, jogar bola, ir à piscina do hotel, brincar, se divertir, viver uma vida. Eles amaram Carajás. Porque lá a gente via que, além das experiências incríveis que estavam vivendo, eles eram crianças também. Esse gostinho de infância me marcou. Compunham essa Camerata em torno de 10 alunos, eram três percussionistas.

Quanto tempo vocês ficaram na estrada? Pois teve a turnê no Brasil e no exterior, certo?

No Brasil não foi uma viagem longa, havia um espaçamento entre as datas. Lembro que as apresentações em São Luís e Ca-

rajás se deram na mesma viagem. As outras tinham um espaçamento, os alunos tinham aula, escola etc. Não dava para fazer uma turnê longa. Vitória e Belo Horizonte foram separados, enquanto Belém, São Luís e Carajás ocorreram na mesma viagem, em sequência. Depois surgiu a oportunidade do Japão. Foi uma viagem incrível que tive a grande felicidade acompanhar. Nosso papel lá era o de realizar a comunicação entre Marcelo Bratke e os professores, além de fazer os ajustes e de cuidar das questões de gestão. Meu papel – isso ficou muito nítido – era o de dialogar com esses dois mundos: do Marcelo Bratke e das crianças/adolescentes. A gente também teve a participação da Fernanda Takai, que esteve com a gente naquela ocasião. Foi uma coisa de outro mundo para nós adultos, e acho que também foi incrível para os adolescentes. Uma cultura e um mundo tão diferentes. No Japão, a Camerata apresentou-se em Tóquio e Nagoya. Nagoya é uma cidade mais industrial e que tem uma comunidade brasileira muito grande. Ao ver a pressão sobre os meninos quanto aos ensaios e ao rigor das apresentações, decidimos levá-los à Disney Tokyo, num dia de folga. Foi onde eles conseguiram um momento de relaxamento, afinal também eram crianças e queriam se divertir. A gente tem que entender que eles estavam numa tensão muito grande. E aí, num domingo de folga, eles foram para Disney Tokyo. Foi incrível, eles ficaram encantados!

Além da viagem ao Japão, houve outros momentos marcantes e emocionantes que você gostaria de elencar? A experiência no Mato Grosso do Sul, por exemplo.

A viagem a Carajás me marcou muito. Outro momento enquanto gestora, que está muito na minha memória, foi o encontro que a gente fez entre os coordenadores do Projeto Vale Música. Juntamos as equipes de três estados e fomos para Corumbá, no Mato Grosso do Sul. A gestão de Corumbá deu a ideia genial de realizar a reunião em um barco-hotel. Era época de defeso, não tinha pesca. Então, os barcos-hotéis não estavam tanto em uso. Fizemos nossa reunião num barco com cabines, sala interna para refeições e uma parte aberta na área superior, tipo um deck, com uma mesa, e a gente ali. A coordenação do programa trabalhava sobre os próximos desafios do Vale Música diante daquele cenário deslumbrante. Não havia sinal de celular, foi chegando a hora do almoço e a gente foi almoçar numa fazenda pantaneira, com jacaré passando. Foram momentos mágicos e que contribuíram para o conteúdo da reunião, uma reunião superprodutiva, com todo mundo focado diante daquele cenário maravilhoso, exercitando a criatividade, sem celular. Em outra ocasião, houve uma apresentação das crianças no Moinho Cultural. O Projeto tinha sido implantado recentemente e os meninos faziam aulas de música havia pouco tempo. Como não havia professores qualificados para tocar uma orquestra naquela região, fizemos uma parceria com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Uma vez por mês, o Bernardo Bessler, que era o maestro da OSB Jovem do Rio de Janeiro, ia a Corumbá para treinar a metodologia com os professores. Foi uma loucura, e o resultado deu muito certo, pois houve um salto na qualidade do ensino na região.

Você se lembra de pessoas, de jovens alunos e ex-alunos ou famílias que tiveram suas vidas transformadas através do projeto Vale Música?

Como eu fazia parte da gestão no Rio de Janeiro, não tinha contato direto com os alunos. Meu contato era mais com os professores, os maestros, a coordenação. Os alunos que conheci um pouco mais foram os que viajaram para o Japão. Lembro que um deles, logo depois da turnê do Japão, conseguiu trabalhar na Camerata do Sesi. Ele já era mais velho. Eram dois irmãos, acho que um deles se chamava Lucas. Estou olhando aqui a turnê da Camerata Vale Música 2010 no YouTube. Foi a turnê do Marcelo Bratke: Itabira, Belém, Paraopeba, Aracaju, São Luís, Corumbá, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro. Eu não acompanhei todos os shows dessa turnê. Na Camerata Vale Música, tinha apenas uma menina percussionista, que era excelente. Havia os irmãos que tocavam violoncelo e contrabaixo. O Wagner Nascimento, da percussão, era muito bom mesmo. Viviane Barreto da Silva é o nome da percussionista que foi para o Japão. O grupo do Japão foi menor do que o grupo que rodou o Brasil. O concerto no auditório do Ibirapuera (SP) foi muito bonito. Já o Coral Orquestra de Belém era a coisa mais linda e emocionante, pois eles eram muito pequenininhos, meninos de seis anos de idade, e como cantavam aqueles meninos! Lembro bem da regente do Coral. Fiquei muito impressionada com ela, porque aquelas crianças de seis anos tocavam flauta doce e cantavam superbem...Eu me perguntava: como é que podem ser tão disciplinadas as-

sim? E a regente lidava com aqueles meninos com tanto afeto, eles eram superdisciplinados pelo afeto que ela transmitia a eles. Pude assistir a concertos emocionantes.

A longevidade do Projeto Vale Música é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

Com certeza! O mais incrível de Projetos como o Vale Música é que, normalmente, eles têm por trás uma liderança apaixonada, que puxa o projeto para a frente. A diferença do Vale Música foi a empresa manter essa mesma política, independentemente de quem seja o parceiro, e de contar com parceiros apaixonados para tocar o Projeto. Por isso, sim, é possível uma empresa manter algo longo, que é bom e que tenha qualidade. O Vale Música é tão apaixonante que cada gestor que entrava na Vale e conhecia o Projeto, se apaixonava por ele. E aí teve um incentivo para manter a cultura da instituição e não deixar o projeto morrer. Quando a coisa é boa, as pessoas entram e ficam apaixonadas, se encantam e conseguem fazer com que uma empresa mantenha o seu projeto, a sua política, porque isso é bom e porque é possível. O Vale Música tem essa característica de ser maior do que qualquer gestor ou pessoa que esteja na liderança; ele consegue transpor as pessoas. Fez com que a Vale entendesse que se trata de um patrimônio. Acho que a Fundação Vale tem algo de especial também. O Vale Música é maior do que as pessoas, do que os participantes.

O Projeto continua em Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais e Pará. Não há como não falar do Projeto Vale Música Belém, que continua sendo tocado pela Fundação Amazônica de Música, com a Glória Caputo. A Glória Caputo tem uma metodologia muito boa, forte. Ela foi uma inspiração muito grande. Entendi que aquilo ali tem uma paixão por trás. Acho que ela ajudou a levar o Vale Música para outro patamar.

Tem o Vale Música Brumadinho, em Minas Gerais, e o Moinho Cultural, no Mato Grosso do Sul, que é um projeto apaixonante ao reunir dança com música em uma cidade que não tinha orquestra. O mérito da Vale foi o de conseguir puxar pessoas apaixonadas para fazer um negócio para frente, tocar para frente e que se mantém já há 20 anos. Isso tem a ver com o apoio àquela pessoa empreendedora que vai fazer a coisa acontecer. E a Vale conseguiu encontrar pessoas assim, como é o caso da Ana Angélica, que fez uma diferença gigantesca depois da sua chegada ao Vale Música Espírito Santo. Coincidência ou não, temos grandes mulheres tocando esses Projetos.

EUGÊNIO JOSÉ FARIA DA FONSECA

*Participação de Ana Angélica Motta



Eugênio Fonseca assumiu a Gerência de Comunicação da Vale em 2002 e trabalhou para transformar o Vale Música em um projeto de resultados. Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Jornalista e Relações Públicas. Ex-Gerente de Comunicação da Vale no Espírito Santo

Função atual

Consultor da Vale



O Vale Música é vitorioso porque a Vale é uma empresa sólida, que tem uma gestão admirável. E também porque o Vale Música é um Projeto de resultados que muda a condição social das crianças e dos jovens que dele participam. Quando um projeto tem resultados claros e demonstráveis, há um convencimento para que não ocorra a sua interrupção”

Eugênio Fonseca



Na sua opinião, qual o significado do Vale Música enquanto projeto social?

O Projeto Vale Música tem um significado muito especial. De alguma forma, contribuiu para mudar a maneira de fazer programas sociais no Espírito Santo, né? Ele deixou de ser apenas o “dar” e já passava a cobrar do beneficiado um retorno do desenvolvimento. Eu falava muito com a Ana sobre isso. O Vale Música nem sempre foi um sucesso, ele teve um momento muito ruim. Eu falava para Ana: ou a gente muda esse Projeto, ou a gente vai acabar com ele. Eu sabia que a gente não iria encerra-lo. Mas eu fazia isso como uma forma de desafiá-la, para tirar o Vale Música da situação em que ele se encontrava.

Precisamos fazer com que o menino que participa do Projeto seja feliz, que ele se desenvolva, traga a família e a comunidade dele para o processo. O Projeto precisa, de fato, contribuir para uma mudança de vida, não apenas dos meninos, mas da família, dos vizinhos etc. Esse é o objetivo do Vale Música, e a Ana Angélica conseguiu dar um rumo para o projeto e tirá-lo do risco que correu de ser extinto.

Ana Angélica: Quero acrescentar que o Vale Música já está em Brumadinho (MG), na Estação Conhecimento de Brumadinho, com o apoio do parceiro executor Orquestra de Ouro Preto, sob a coordenação do maestro Rodrigo Toffolo. O Rodrigo é supercompetente, um gentleman. Está começando, é um embrião. Começou no finalzinho do ano passado, tive algumas reuniões com a Chris Saldanha e o Rodrigo quando fizemos

apresentações em Ouro Preto no ano passado e está sendo bem bacana. Já plantamos uma semente.

Eugênio: E a parte da história do Vale Música no Espírito Santo faz parte da história da Vale. Porque também o Vale Música marca uma definição desse caminho da Vale, de como ela faria o seu investimento social. A empresa sempre teve muita consciência de sua responsabilidade social, mas buscou, por um tempo muito longo, que investimento social faria. E acho que quando se identifica o Vale Música como forte, com a possibilidade de transformar de fato as pessoas e uma parte da sociedade, a Fundação Vale encampa o Projeto.

Você sabe informar se o Vale Música do Espírito Santo foi pioneiro no país? Sempre faço essa pergunta porque o Espírito Santo e o Pará começaram muito próximos.

O Vale Música começou no Espírito Santo e foi para o Pará, onde ficou muito forte, e acabou perdendo a força no Espírito Santo. E depois o Espírito Santo – através da Ana Angélica – foi até o Pará para aprender a como fazer o Vale Música. E lá havia uma pessoa chamada Glória Caputo, que fez um trabalho maravilhoso e ainda faz. É uma pessoa que sabe tudo sobre música e tudo sobre empreendimento social usando a música. A Ana então foi lá, aprendeu isso tudo e fortaleceu o nosso projeto aqui com pessoas de grande valor no Espírito Santo, como o maestro Helder Trefzger e a professora Gracinha Machado. Depois, veio o Fábio Carvalho, que também foi muito impor-

tante no processo. O fato de incluir o Congo no Vale Música, a preservação das raízes locais, isso é de um valor que não tem preço. O Congo não só renasceu para as crianças, como também a Vale despertou o apoio ao segmento do Congo no estado. Depois, o Vale Música entrou para a Estação Conhecimento e ganhou uma gestão profissional impressa pela Ana Angélica.

Como se deu a fundação do Projeto Vale Música e como o Projeto entrou na sua vida, ou você entrou na vida do Vale Música? Você lembra em que ano se deu a fundação do Projeto e qual função você desenvolvia?

Eu sou mineiro e fui para o Espírito Santo em 2002, para assumir a Gerência de Comunicação da Vale. Quando cheguei ao Espírito Santo, o Vale Música já existia, tinha passado por um período muito bom, pelo auge e estava perdendo a força. A gestão do Vale Música precisava ser implementada. Foi então que me envolvi bastante com o Projeto Vale Música. Comecei a trabalhar o Projeto de forma a dar a ele uma nova força, porque a Fundação já entendia sua importância no processo de transformação social. O Fábio Carvalho, do Projeto Congo na Escola (Cecaes), veio para a Fundação e foi contratado para ser o parceiro técnico na condução do Vale Música. Nessa época, o Projeto cresceu bastante. Houve uma mudança interessante porque ele começou a reproduzir e a captar as raízes capixabas com o Congo. Isso foi muito interessante para o Vale Música porque, com o Fábio, o Projeto teve a oportunidade de resgatar as raízes do Congo, que é um elemento importante da cul-

tura capixaba. Ao mesmo tempo em que despertou também na Vale a relevância do Congo para o estado, e a Vale começou, inclusive, a apoiar as iniciativas do Congo de uma forma mais ampliada. Foi meu início no Vale Música, e comecei a entender mais o Projeto e de que forma a Vale poderia contribuir para sua evolução.

Qual o seu papel no desenvolvimento do Vale Música Espírito Santo? Quais as ações implementadas no sentido de ampliar e fortalecer o Projeto?

Fizemos tantas coisas, tantas ações importantes para valorizar o Vale Música... Uma delas foi levar o Projeto para se mostrar, para se apresentar. Passamos a aproveitar as oportunidades que a gente tinha dentro da própria Vale. A gente levava o Vale Música para se apresentar para os empregados, para que o próprio público da empresa sentisse orgulho do que a gente realizava. Levávamos o Vale Música para fazer apresentações em eventos sociais da empresa. Ao mesmo tempo em que as crianças estavam aprendendo, a gente dava a elas a oportunidade de se identificarem com a música por meio das apresentações. Isso é de grande validade porque você mexe com a emoção das pessoas, com o valor do aprendizado, com a recompensa do aprendizado, que não é apenas o tocar, é também o aplauso, o reconhecimento público. Como gestor de Comunicação na época, essa era a forma que eu tinha de contribuir para a ampliação do valor do Projeto.

Ana Angélica: Eu queria só ajudar num ponto importante que o Eugênio tocou logo no começo, que eu vejo como uma estratégia muito importante no Projeto. Percebo a preocupação da Vale em trabalhar na área social, mas sempre trazendo o poder público como parceiro e como conhecedor do território onde a Vale faz o investimento social. Isso é um fator fundamental para as estratégias de investimento social da Vale. A valorização do poder público local, no sentido de poder afirmar, de ter a chance de apontar onde está a vulnerabilidade, onde se faz necessário o investimento. É um aspecto muito forte em todos os investimentos sociais que a Vale traz para esses territórios, algo que permeia o Vale Música desde o começo.

Eugênio: Não só o poder público definindo quem precisa receber o benefício, mas a empresa sempre primou por ter parceiros locais para desenvolver o Projeto, como a Gracinha, o maestro Helder, o Fábio. É muito importante, pois a Vale não domina a cultura local, mas faz o movimento para trazer o parceiro local. Ela ajuda a preservar a cultura do local, o ambiente que se tem ali. Por isso o Congo foi muito bacana. Se não me engano, foi a Roberta Aviz que desenvolveu essa parceria. Foi um momento muito importante do Vale Música, quando vivenciou as raízes do Congo com o Fábio Carvalho.

Qual a importância de Projetos como o Vale Música para a Vale S.A.? A longevidade do Projeto é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

Não tenho dúvidas de que é um bom exemplo. A gente precisa entender que os projetos – principalmente os culturais – têm vulnerabilidade. Sofrem quedas muito bruscas, até por uma questão de gestão ou do momento econômico, e nesses momentos, correm um risco muito grande de serem extintos. O Vale Música teve uma queda, mas a Fundação Vale foi impecável em mantê-lo, em buscar soluções em encontrá-las. Os projetos de cultura têm problemas graves de continuidade porque são projetos que não têm fim. A empresa começa a investir num projeto e ele não consegue a sustentabilidade, ele continua dependente de uma verba que venha de algum lugar para poder mantê-lo. Como a gente tem muita instabilidade econômica no país, às vezes a solução é suspender, o que pode acontecer com um projeto social como esse. Não foi o caso da Vale, porque é uma empresa muito sólida, bem gerida. Ela pôde manter o Vale Música ao longo desse tempo todo. Não é o caso da Estação Conhecimento, em que temos parceiros com recursos. Contamos com o poder público não só como parceiro institucional, mas também como um parceiro que divide com a empresa os recursos para poder manter o funcionamento. Talvez esse seja o melhor modelo para construir projetos. É contar com entes públicos que tenham como premissa a gestão social, a participação em conjunto com as empresas em projetos dessa natureza. Talvez o melhor caminho seja este: dividir a conta.

O Vale Música, por sua vez, é vitorioso porque a Vale é uma empresa sólida, que tem uma gestão admirável. E também porque o Vale Música é um projeto de resultados que muda a

condição social das crianças e dos jovens que dele participam. Quando um projeto tem resultados claros e demonstráveis, há um convencimento para que não ocorra a sua interrupção.

Que momentos mais marcantes e emocionantes você vivenciou com o Projeto Vale Música Espírito Santo? Quais apresentações e concertos ficaram na memória?

O Vale Música tem momentos muito emocionantes. A apresentação com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), no Parque Pedra da Cebola, foi maravilhosa. Foi a primeira vez que vi as crianças cantando e tocando com a OSB. Me parece que eles tocaram também na Praia de Camburi. Não digo pela grandiosidade, mas pela oportunidade e pelo encantamento dessas crianças ao dividir o palco com os músicos da maior orquestra do Brasil. Isso realmente faz muita diferença. Houve momentos em que o Vale Música tocou dentro da operação da Vale, em comemorações de Natal com os operadores, junto das pessoas que trabalhavam na operação. Considero momentos muito especiais. Uma passagem importante se deu com o Marcelo Bratke, quando o Vale Música teve a oportunidade de tocar com esse grande músico, um maestro de renome internacional, um músico de grande expressão. Ele selecionou um grupo restrito do Vale Música para acompanhá-lo e o grupo chegou a tocar no Japão e em Praga. As crianças nunca mais foram as mesmas.

A maior emoção, para mim, se dá não no fato, mas no momento em si. É claro que tocar com Milton Nascimento é espetacular, com o Ivan Lins foi muito bacana também. Tinha também

as músicas que a Orquestra Vale Música fazia para os filmes do Vitória Cine Vídeo, ao vivo, simultaneamente à projeção do filme. Era um negócio genial. O que mais emociona no Vale Música, além dos eventos, dos momentos especiais do grupo, é que esses momentos transformam a vida das crianças.

Além da convivência saudável na sala de ensaio, do convívio diário com um maestro estruturado, com uma equipe que vai ensiná-los, acredito que esses momentos de glória e de reconhecimento público mudam a vida das crianças, e das famílias também, porque, nesses momentos, as famílias participam, lotam os cinemas, os teatros para assistir às apresentações. Então, esse momento é um orgulho para a família, e o orgulho da família é o que transforma socialmente. Eles tornam-se exemplos em suas comunidades. Esse menino não vai ser aliciado pelo tráfico, vai se interessar em ir para a escola, ter uma carreira, ir para uma faculdade e fazer uma escola de música. Você dá um horizonte para essas crianças.

Acho que aí está o valor; a maior emoção é ver um jovem desses passando no vestibular para o curso de uma Universidade Federal. São vários que fizeram esse caminho. O que o Vale Música fez? Revelou um talento. Essa criança poderia estar no tráfico, no crime, porque eles vivem nas periferias. É um cidadão excluído. Esse é o valor do Vale Música, a emoção do Vale Música: trazer a pessoa e dar a ela a opção de não ser aquilo que está desenhado para sua vida, de modo que ela refaça o desenho da sua vida por meio da música.

Ana Angélica: Nesses últimos três anos, alcançamos 100% de aprovação em vestibulares fora do Espírito Santo.

Você se lembra de pessoas e famílias que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos? De ex-alunos que hoje se destacam na carreira acadêmica e musical?

No dia a dia acho que os professores e as pessoas que estão mais à frente, como é o caso da Ana, são as que têm esse nível de detalhe. Mas não tenho dúvidas de que foram muitas as crianças que, se não continuaram na música, entenderam que o mundo tem outras portas. Muitos deles não puderam continuar, por uma questão de sustento da família. Quando atingem certa idade, têm que trabalhar para ajudar em casa e acabam deixando o Projeto. Mesmo esses acharam outros caminhos. Não sei se no meio do caminho perdemos alguns meninos. Mas o esforço sempre foi esse. Quando entrei para a Estação Conhecimento, eu era presidente do Conselho da Estação e podia interferir de uma forma mais efetiva e cobrar da Ana que os resultados fossem diferentes do que a gente estava construindo. Que não fosse apenas uma Orquestra, e sim uma oportunidade para um número grande de jovens. Essa era a meta.

Até que ano você permaneceu no Vale Música?

Até 2016. Eu fui o fundador da Estação Conhecimento Serra, trouxe metodologia e trouxe a Ana para trabalhar conosco.

Ana Angélica: A Estação Conhecimento foi inaugurada em 2010 e começou a funcionar com as crianças em 2011. O Vale Música migrou para a Estação Conhecimento em agosto de 2012.

Quais foram as principais mudanças ocorridas na execução e nos resultados do Projeto com a transferência de sua gestão para a Estação Conhecimento Serra?

O Frederico Moncorvo foi muito importante para o Vale Música; ele foi o criador. Se existisse um pai do Projeto, esse pai seria o Frederico. Ele era gerente da Fundação Vale aqui no Espírito Santo e tinha a missão de estruturar o Vale Música no estado. Foi ele que realmente começou a criar e a estruturar o Vale Música com a Gracinha, que sempre teve uma visão bacana da cultura. Ela é uma pessoa muito importante na cultura do estado. Quando foi criada a Estação Conhecimento, o Vale Música estava num período difícil de sua história. Foi quando a Adriana Dutra assumiu a condução como parceira técnica da Vale. Em algum momento, ela teve de fazer o Projeto funcionar na garagem da sua casa, porque o Vale Música não tinha sede. A gente não tinha onde colocar o Projeto. Se ela não tivesse feito esse trabalho, o Vale Música teria encerrado suas atividades. Ela teve o desprendimento de levar a Orquestra para ensaiar na garagem de casa, na Serra. Com a criação da Estação Conhecimento, uma ação genial da Vale foi levar o Projeto para este novo espaço. A Estação Conhecimento iria trabalhar com esporte e um dos vetores seria o Vale Música. Os pilares seriam o esporte, a cultura e o empreendedorismo.

Quando a empresa projetou a construção dos prédios, um dos espaços em que houve mais dedicação e atenção foi para a sala de ensaio da Orquestra Vale Música. O rigor na estrutura, no funcionamento e na organização do Vale Música foi totalmente revisto. A Ana veio para ser coordenadora/gestora da Estação Conhecimento, e o Vale Música foi reestruturado – junto com toda a Estação Conhecimento –, ganhando um novo conceito, uma nova roupagem. Ganhou novos parceiros.

Se for para ter um Projeto, que ele faça a diferença na vida desses jovens. Era assim na música, no esporte e no empreendedorismo. Havia crianças que estavam no esporte e entravam no Vale Música, e crianças que vinham com as famílias empreendedoras e se interessavam pelo Vale Música. Nós demos um novo patamar. Um patamar de projeto social profissional, que ganhou um *upgrade* profissional, de gestão profissional.

Eu me lembro de uma Orquestra no interior de São Paulo e eu falava com a Ana: é isso que a gente precisa fazer. Ela foi lá para conhecer como a Orquestra funcionava. Era o projeto do João Carlos Martins, em Higienópolis. Eu vi aquela Orquestra funcionando e falava: é assim que a gente tem que ser. Depois, o João Carlos Martins ficou famoso. E eu dizia: acho que a gente acertou.

Além da ótima experiência do Pará, fomos em busca de outras experiências também, para a gente ter uma estrutura profissional do Projeto que usava a música como instrumento para alavancar a condição social desses jovens. Mudamos o propósito do Vale Música na época. A Fundação Vale é a condutora do processo. A gente brigava, discutia para encontrar caminhos.

Eu discordava porque queria trazer a questão local e a Fundação sempre foi muito atenciosa, sempre muito respeitosa com as opiniões locais. A empresa tem uma diversidade muito grande. Então, às vezes, era difícil explicar isso. Essa foi a transformação do Vale Música: que tem estrutura, tem uma sala de ensaio muito boa. Aliás, tem um prédio inteiro de ensaio e a qualificação técnica da equipe de instrutores. Tem uma pessoa que cuida exclusivamente do planejamento e do acompanhamento dos trabalhos, que é a produtora que acompanha esses meninos. A Estação Conhecimento conta com equipe de psicólogos, com equipe de pessoas especializadas em jovens de situação de carência, de necessidades. A estrutura também oferece alimentação. Tudo isso contribuiu. Quando o Projeto foi para a Estação Conhecimento, passou a contar com uma estrutura para que ele fosse, de fato, um Projeto transformador.

ANA ANGÉLICA CORRÊA VALPASSOS MOTTA



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Turismóloga, pós-graduada em Planejamento e Desenvolvimento Local

Função atual

Diretora-Executiva da Estação Conhecimento Serra

A Vale tem um programa social próprio, que desenvolve metodologias sociais inovadoras como o Vale Música. Um projeto social que gera impactos sociais transformadores se torna um valor intangível para a empresa, mas esses impactos não são menos importantes que os lucros financeiros, porque geram marcas positivas de transformação social. Somos uma marca no imaginário de muitos jovens e famílias, de muitas histórias de sucesso, e isso é grandioso porque muda o rumo, revela outras dimensões da vida, gera expansão humana”

Ana Angélica Motta



Ana Angélica é diretora da Estação Conhecimento Serra, responsável pela gestão do Projeto Vale Música no Espírito Santo desde 2012. Foto: Acervo pessoal

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Já conhecia algumas apresentações do projeto, mas a aproximação definitiva veio em 2012, quando o projeto se integra ao eixo de cultura da Estação Conhecimento como uma proposta da Vale/ES de fortalecê-lo e reestruturá-lo.

Qual era a realidade do Projeto Vale Música Espírito Santo no momento em que você assumiu a gestão da Estação Conhecimento de Serra?

Na época, o parceiro era a Phylarmonia e a coordenadora era a Adriana Dutra. Nessa transição, a coordenadora migrou para o nosso quadro de funcionários em agosto de 2012, com o objetivo de cuidarmos da relação com as famílias envolvidas no processo e para construirmos juntos um diagnóstico do Projeto.

Naquela ocasião, havia muitas queixas sobre a qualidade das apresentações; em contraponto, ouvíamos queixas internas sobre a estrutura e a qualidade das instalações e o nível de qualificação dos educadores. São processos delicados, que envolvem muita gente, então, partimos para a observação e diagnóstico para propor as mudanças. Como eu não conhecia a gestão musical com profundidade, a Fundação Vale me proporcionou uma visita ao Vale Música Belém, por uma semana, para uma imersão nas questões pertinentes ao Projeto. O Vale Música Belém era referência, e fui acolhida pela professora Glória Caputo, que me mostrou todo o trabalho desenvolvido em Belém. Voltei cheia de ideias e com muitas percepções. Sabia que o Espírito Santo também já havia sido referência, então, a proposta era estudar os caminhos para retomar o protagonismo.

Quais foram as principais mudanças de gestão no Vale Música Espírito Santo com a migração do Projeto para a Estação Conhecimento?

A primeira foi a mudança da coordenação. Precisávamos de alguém com perfil mais inovador e criativo para dar um novo

rumo ao Projeto, pois se encontrava fora das diretrizes propostas pela Fundação Vale. Na sequência, iniciamos algumas mudanças dos educadores, com a proposta de trazer energia nova e de qualificar o ensino, e primamos por profissionais bem formados e com perfil humanitário. Outra questão importante foi a infraestrutura, uma vez que as instalações da Estação Conhecimento falam por si, em função de seu tamanho, beleza e qualidade. Oferecemos salas com isolamento acústico, conforto térmico, boa iluminação e renovação dos instrumentos musicais. A coordenadora Júlia Sodré chegou ao Projeto em abril de 2013, e, a partir daí, iniciamos uma nova fase. Nada foi fácil, grandes mudanças geram muitas resistências, alguns alunos se afastaram e abrimos vagas a outros, e assim aconteceu também com alguns profissionais. No processo de mudança, trouxemos capacitações e desenvolvimento do trabalho em equipe, que foi muito desafiador, principalmente para profissionais/artistas, acostumados ao estrelato e individualismo criativo; fazê-los entender que os alunos são nossas estrelas e que a música é uma ferramenta potente de transformação social, que nos importa possibilitar novos caminhos de mudança nas muitas vidas que impactamos, não foi nada fácil. Em geral, os profissionais chegam com seu conhecimento para repassar; na Estação Conhecimento/Vale Música o objetivo é a educação integral, a inclusão social, nos importamos com coisas simples, como dar bom dia, boa tarde, pedir licença, saber se o aluno está bem, como está na escola, na família, ser respeitoso, cuidar do nosso espaço compartilhado... Enfim, educar pelo exemplo e afeto é fundamental. Atuamos com equipe multidisciplinar

(psicóloga, assistente social e pedagogo), então, temos que nos abrir para a escuta qualificada e para a soma dos vários conhecimentos.

Trabalhar com crianças e adolescentes é navegar em nuances delicadas que nos dizem muito sobre as questões sociais e domésticas que afloram no cotidiano. Construir relações de confiança cria ambiente seguro para que o ensino da música faça sentido e seja percebido como um caminho novo para a vida. Mesmo que no Vale Música esse(a) aluno(a) não seja profissional, ele/ela é preparado para atuar em várias áreas da cultura e, principalmente, ser quem ele/ela quiser ser.

O projeto oferece a oportunidade para eles serem autônomos, saberem fazer escolhas, serem criativos, serem críticos, se posicionarem e, principalmente, entenderem sua potência de mudança, desde a si próprios, suas comunidades e do mundo, até onde eles sonharem chegar. Penso que a grande mudança está nas articulações que o Projeto estabeleceu nesse período e aos horizontes que tem revelado aos envolvidos, ou seja, possibilidades infinitas.

Que momentos mais marcantes e emocionantes você vivenciou com o Projeto Vale Música Espírito Santo? As apresentações e concertos que ficaram na memória?

São muitos! Nos concertos ninguém gostava de sentar ao meu lado, porque sempre chorei muito, um choro de felicidade e de realização, pois na minha cabeça passam filmes da vida dos alunos e dos obstáculos vividos entre a vida real e o espetáculo, é um longo caminho...

Lembro de todos, todos foram muito marcantes: quando homenageamos o Milton Nascimento, quando circulamos os shopping center com os Concertos da Copa em 2014. Lembro quando homenageamos o Ivan Lins, o quão generoso ele foi: deu uma aula de música brasileira e de construção de carreira artística aos alunos. Foi muito emocionante ver aquele artista experiente se debulhar em lágrimas frente à beleza do que ele e nós estávamos vivendo ali. Viajar para o Festival Internacional de Bandas e Corais de Minas Gerais, com 90 pessoas, no trem da Vale, fazer uma turnê de quatro dias em três cidades com quatro apresentações e a visita a Inhotim, foi uma aventura inesquecível e de muitos aprendizados. Ser convidado pelo governo do Espírito Santo para fazer uma apresentação para o ministro da Cultura num seminário...Os concertos da Banda Sinfônica em homenagem a Elis Regina e ao Tim Maia foram deslumbrantes. Os avanços na produção e preparação dos concertos também ficam evidentes ao longo do percurso, em que um supera o outro: iluminação, decoração, maquiagem, figurinos, preparação vocal, intérprete de libras, a postura dos alunos. Tudo emociona pela evolução percebida.

Receber anualmente o resultado dos vestibulares dos alunos nas faculdades de música é um orgulho enorme, assim como perceber a importância que passam a dar aos estudos. Ler os *posts* dos alunos nas redes sociais e perceber como se posicionam e o amor que têm pelo Projeto me emociona muito.

Acho que o mais marcante foi vê-los tocando no Cristo Redentor e no Theatro Municipal do Rio com a OSB e a Orquestra Ouro Preto. Foi um encantamento geral! Mais ainda foi perce-

ber que o Vale Música se tornou um “valor” pra Vale. Isso é importante e irreversível enquanto investimento social.

Poder proporcionar todas essas vivências a eles é um sonho. Lembro de um dia em que viajamos para Ouro Preto com um grupo; alguns alunos nunca tinham viajado e chegamos bem tarde da noite ao hotel. Ao amanhecer, fomos ao restaurante do hotel para tomar café. Eu já estava sentada quando percebi um grupo de alunas na frente da bancada, paralisadas, sem saber o que fazer. Levantei, me aproximei e perguntei se precisavam de ajuda. Foi quando perguntaram: “É pra nós? Podemos comer?? Nunca vimos uma mesa assim”. Com o coração apertado, respondi que sim, instruí como se servir, mas fiquei machucada pela percepção clara das desigualdades sociais existentes. É muito injusto perceber essas distâncias em questões simples do cotidiano. Fazê-los vencer essas diferenças me emociona profundamente. Parece simples, mas é muito complexo.

Qual a importância de Projetos como o Vale Música para a Vale S.A.? A longevidade do Projeto é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

A Vale é a única empresa que conheço que tem um programa social próprio, que desenvolve metodologias sociais inovadoras como o Vale Música. Um projeto social que gera impactos sociais transformadores se torna um valor intangível para a empresa, mas não menos importante que lucros financeiros, porque gera marcas positivas de transformação social.

Somos uma marca no imaginário de muitos jovens e famílias, de muitas histórias de sucesso, e isso é um valor que dinheiro não compra, é grandioso porque muda o rumo, revela outras dimensões da vida, gera expansão humana. É esse valor que traz retorno à empresa, que a motiva a permanecer tanto tempo com esse investimento. A Vale é comprometida com as comunidades e territórios nos quais atua e investe em ações com qualidade, sempre preocupada em gerar dignidade e primar pelos direitos dos cidadãos. Que venham mais 20 anos ao Vale Música!!!!

Júlia Cabral Abreu Sodré



entrevista

Formação acadêmica e profissional

Formada em Turismo pela Universidade de Vila Velha (ES) e pós-graduada em Gestão Cultural pela Universidade Cândido Mendes (RJ)

Função atual

Coordenadora Cultural da Estação Conhecimento de Serra

Acredito que 2020 foi o ano mais desafiador nesses quase oito anos de gestão à frente do Projeto. Um ano tão aguardado e esperado pela família Vale Música, pois completamos 20 anos de história. Tivemos que adiar todo o planejamento e nos reinventar. A partir de 26 de março de 2020, iniciamos a nossa atuação no ambiente virtual. Ressignificamos olhares e práticas e ouvimos cuidadosamente cada família para que pudéssemos ajudá-los da melhor forma possível. Temos uma equipe muito engajada e comprometida e fizemos entregas incríveis"

Júlia Sodré

Na sua opinião, qual o significado do Vale Música enquanto projeto social?

Sempre digo: “o Vale Música é uma mãe”, desconheço um projeto social que atue há 20 anos ininterruptos, mantido por uma única empresa, que ofereça aulas de música com um time de primeira. Oferece instrumento, vale-transporte, café da manhã, almoço, lanche, material didático, uniforme diário e social gratuitamente. Uma estrutura fantástica, com salas de aulas bem estruturadas e com equipamentos novos. Produz uma série de concertos de alta qualidade técnica e artística. Em sua cartela de produção, apresenta shows gratuitos, concertos didáticos, ensaios abertos em parques, escolas, praças, teatros e festivais. Nos nossos eventos, fomentamos toda a cadeia produtiva da cultura do estado, contratando caminhão para transportar nossos instrumentos e equipamentos, ônibus para equipe e alunos, arranjadores, cenógrafos, figurinistas, preparadora vocal, *roadies*, carregadores, técnicos de som, iluminação, fotógrafos, cinegrafistas, designer gráfico e assessor de imprensa. O beneficiário ainda tem a oportunidade de dividir o palco com renomados artistas e maestros, como Milton Nascimento, Ivan Lins, Roberto Menescal, Gilson Peranzetta, JJ Jackson, Eduardo Santana, Indiana Nomma, Alma Thomas, Nathércia Lopes, Antônio Paulo Filho, André Prando, Nano Vianna, Idalina Dornellas, Gabriela Brown, entre tantos outros. Além disso, ainda participam de intercâmbios, oficinas, workshops com músicos de alto nível e residências artísticas com as principais Orquestras do país, entre

elas, a Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra Ouro Preto. Em 2021, ofertaremos bolsa-incentivo para 45 alunos no valor de R\$ 600,00 mensais para que possam trilhar o caminho da música profissionalmente. A música é a nossa ferramenta de transformação social, e o aluno que optar em seguir a carreira profissional possui todo o direcionamento. O céu é o nosso limite! Agradeço sempre à Vale por esse trabalho tão maravilhoso, emocionante e que transforma tantas vidas, principalmente a minha. Sinto-me mãe de todos os alunos, brinco que tenho 272 filhos, pois sou mãe biológica de Romeu e Clara. Gratidão!

Quando e como o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Qual era a realidade do Vale Música quando você assumiu a coordenação e qual o seu papel no desenvolvimento do Projeto?

Fui convidada pela diretora-executiva da Estação Conhecimento, Ana Angélica Motta e Andressa Azevedo, Analista de Responsabilidade Social da Gerência de Sustentabilidade Vale ES, para requalificar o Projeto. Ao assumir, eram tantos os desafios, que cheguei a pensar em desistir, mas a Ana e Andressa não permitiram. Começamos praticamente do zero. Revisitamos as diretrizes do Projeto, realizamos planejamento estratégico, identificamos problemas de equipe, elaboramos o organograma com os fluxos de gestão e iniciamos as transformações. A começar, o Vale Música era sazonal, acontecia apenas no segundo semestre. A partir de 2014, tornou-se

uma ação continuada, funcionando de janeiro a janeiro. Fizemos alterações na equipe, na estrutura curricular e na quantidade de alunos por sala. Escrevemos os planos de ensino de cada instrumento, investimos em instrumentos de qualidade. Quando assumi a coordenação, os beneficiários, por exemplo, não podiam levar os instrumentos para casa. Fizemos um termo de empréstimo no qual o responsável pelo aluno passou a assumir a responsabilidade. Também ampliamos o número de salas, o atendimento subiu para 270 beneficiários, e a atuação, além da Estação Conhecimento Serra, incluiu a abertura de um núcleo no Parque Botânico Vale, em Vitória. Em 2013, o projeto tinha apenas três grupos artísticos: banda, camerata e coral. Na época, reativamos a Orquestra Jovem Vale Música. Nos anos posteriores, criamos a Banda Sinfônica Vale Música, a Vale Música Jazz Band e dividimos o Coral em dois grupos, o Coral Infantil Vale Música e o Coral Jovem Vale Música. Desde 2018, cuidamos também do Coral de Empregados Vale. Nossos grupos artísticos possuem uma vasta agenda de concertos anuais e é por meio deles que conseguimos exibir todo o aprendizado da sala de aula. Os concertos acontecem nos principais teatros em Vitória e são sucesso de público. Amamos quando os ingressos se esgotam!

Quantos alunos o Projeto tinha quando você assumiu a coordenação? Onde aconteciam as aulas? Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento (faixa etária, escolaridade, região...) Eram todos da Serra?

Quando entrei no Projeto ele já acontecia na Estação Conhecimento Serra. A meta de atendimento em 2013 era de 216 beneficiários, porém, havia apenas 150 matriculados e basicamente, em sua maioria, eram moradores do município Serra. Para captar novos alunos, realizamos o Processo de Mobilização por meio de um Circuito de Concertos Didáticos em diversas escolas públicas e ampliamos o acesso para usuários de toda a Grande Vitória. Em 2013, o atendimento era entre 7 e 18 anos, podendo permanecer no projeto até 23 anos se fosse seguir carreira profissional na área musical. Desde 2020, conseguimos ampliar a permanência até 29 anos.

Importante registrar também que, a partir de 2018, o Vale Música amplia seu território de atuação, e inicia atendimento em Vitória, com um núcleo no Parque Botânico Vale, ofertando canto-coral para crianças entre 7 a 11 anos e também para os funcionários Vale.

Ao longo do período em que está na coordenação do Projeto Vale Música, quais foram as principais apresentações de que se lembra?

Estou como coordenadora do Vale Música há quase oito anos, foram muitas produções inesquecíveis, sempre me emociono nos concertos e fico muito feliz pelo amadurecimento do Projeto e principalmente dos nossos alunos. Vou elencar aqui os principais:

Em 2013:

Homenagem aos 50 anos de carreira do Milton Nascimento – Orquestra Jovem e Coral Infante-Juvenil Vale Música.

Em 2014:

Vale Música no Ritmo da Copa – Banda Sinfônica e Coral Infanto-Juvenil.

Em 2015:

Trilha Sonora de Filmes – Banda Sinfônica e Coral Infanto-Juvenil Vale Música.

Homenagem aos 70 anos de vida do Ivan Lins – Orquestra Jovem e Coral Infanto-Juvenil Vale Música com participação do Ivan Lins e do maestro Gilson Peranzzetta.

Homenagem ao Centenário do Samba – Banda Sinfônica.

Banda Sinfônica Vale Música convida Kalifa Samba Rock.

Em 2016:

Homenagem aos 80 anos de vida do Roberto Menescal – Orquestra Jovem e Coral Jovem Vale Música com participação do Menescal e do Maestro Gilson Peranzzetta.

Em 2017:

Lembranças de Elis – Banda Sinfônica Vale Música.

Vale Música in Rock – Coral Jovem e Coral Infantil Vale Música.

Concerto Sinfônico – Banda Sinfônica Vale Música.

Vale Música Jazz Band convida Gilson Peranzzetta.

Em 2018:

Viva Tim Maia – Banda Sinfônica Vale Música.

Viva Rita Lee – Coral Jovem Vale Música e Coral de Empregados Vale.

Mundo Encantado Disney – Coral Infantil Vale Música.

Jazz in Concert – Vale Música Jazz Band & Indiana Nomma.

Em 2019:

Djavaneando – Banda Sinfônica Vale Música.

Homenagem ao Sítio do Picapau Amarelo – Coral Infantil Vale Música.

Canta Raul – Coral Jovem Vale Música e Coral de Empregados Vale.

Divas do Jazz – Vale Música Jazz Band & Alma Thomas.

Camerata Jovem Vale Música convida Ricardo Herz & Pedro Ito.

Nesse período, aconteceu alguma apresentação ou participação em Festivais no ES, fora do estado ou no exterior?

Participamos de diversos Festivais importantes no Brasil, como Festival de Música Erudita do ES, Encontro de Corais do ES, Encontro de Corais do Ifes, Festival Internacional de Bandas e Corais de Minas Gerais, Festival Internacional de Inverno de Música Popular e Erudita de Domingos Martins, Festival de Inverno de Ouro Preto, Festival I Love Jazz (BH), Drum Parade 2020, em São Petesburgo, na Rússia, e Semana da Música de Canindé (CE).

Nos apresentamos nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Brumadinho, Belo Horizonte. Fizemos espetáculos no estado do Rio de Janeiro. Na capital, destaco a apresentação no Cristo Redentor e no Theatro Municipal e, no município de Itaguaí, cito um evento numa das principais praças da cidade.

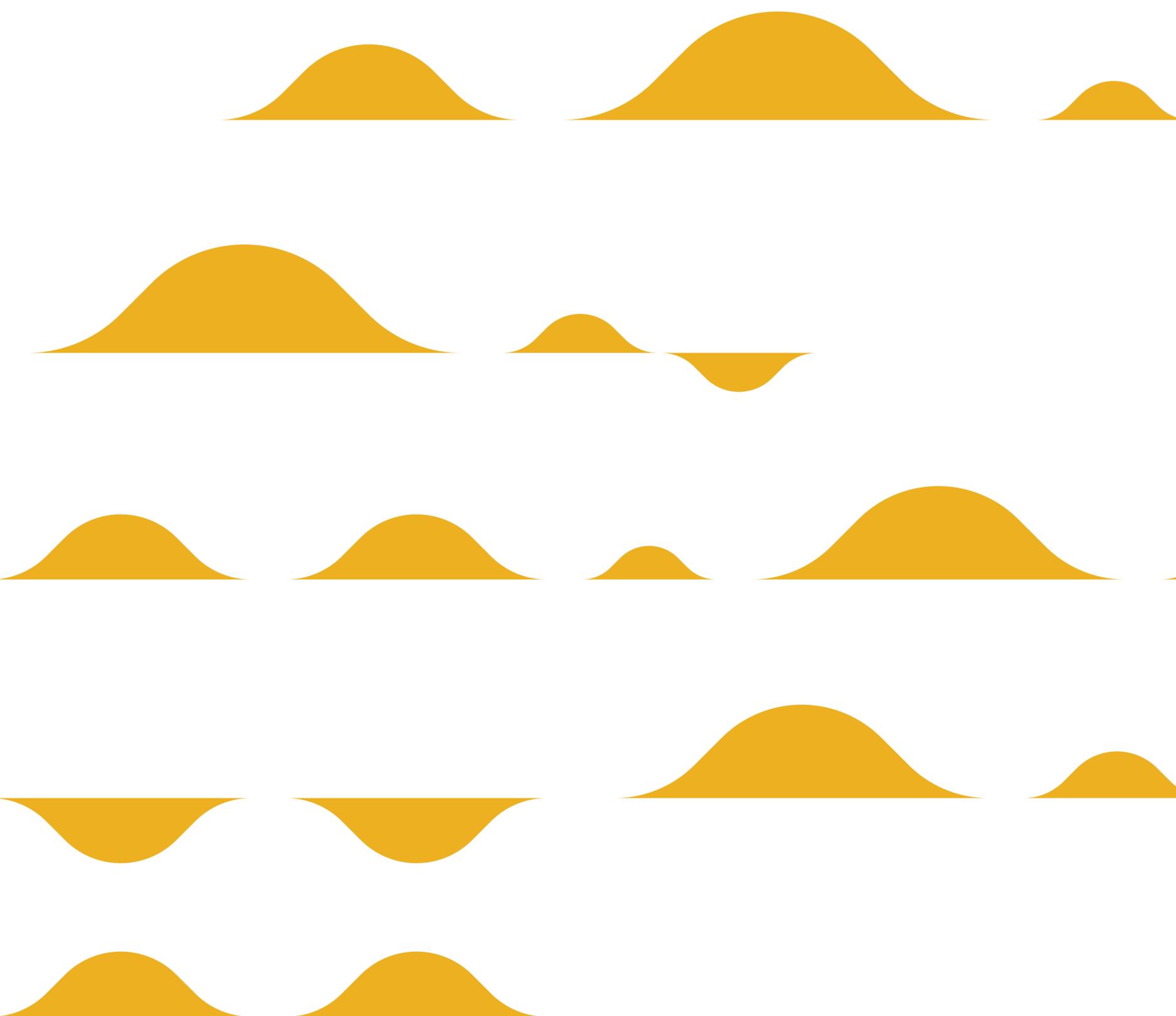
Como foi o desafio de manter o calendário de atividades do Vale Música em meio à pandemia da Covid-19?

Acredito que 2020 foi o ano mais desafiador nesses quase oito anos de gestão à frente do Projeto. Um ano tão aguardado e esperado pela família Vale Música, pois completamos 20 anos de história. Tivemos que adiar todo o planejamento e nos reinventar. A partir de 26 de março de 2020, iniciamos nossa atuação no ambiente virtual. Nosso maior desafio foi o de garantir que todos os nossos beneficiários tivessem acesso à internet e, por conta disso, ofertamos o auxílio digital. Nosso ambiente virtual foi organizado via plataforma Google Sala de Aula, além de aulas via videochamadas pelo Whatsapp, Google Meet e Zoom. Fizemos uma pesquisa com todas as famílias para analisar a situação de vulnerabilidade social e passamos a oferecer kit de alimentos. Entre março e dezembro de 2020, distribuímos 588 cestas básicas. Resignificamos olhares e práticas e ouvimos cuidadosamente cada família para que pudéssemos ajudar da melhor forma possível. Temos uma equipe muito engajada e comprometida e fizemos entregas incríveis: gravamos remotamente oito concertos virtuais, exibidos num programa especial na TV Educativa do ES e postados no site do Instituto Cultural Vale, e realizamos ações de intercâmbio com as Orquestras Ouro Preto, Filarmônica de Minas Gerais e Sinfônica Brasileira. Dessas parcerias, gravamos mais cinco concertos virtuais. Participamos também de diversos festivais no Brasil e um no exterior, russo, que foi o Drum Parade, com apresentação do nosso Grupo de Percussão Vale Música.

Em parceria com o Museu Vale, criamos videoaulas sobre como montar instrumentos musicais em casa e tivemos o privilégio de manter o emprego de toda a equipe, e agradeço sempre por isso!

Se tivesse que definir o Vale Música em uma palavra, qual seria?

Amor.



ANDRESSA AZEVEDO DE SOUZA AGUIAR



Andressa Azevedo atuou na reestruturação administrativa do Projeto Vale Música após a migração para a Estação Conhecimento, no sentido de aperfeiçoar os processos de gestão.

Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Graduação em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Ufes; especialização em Gestão de Projetos pela FGV; especialização em Políticas Sociais, Gestão e Controle Social pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)

Função atual

Analista de Responsabilidade Social da Gerência de Sustentabilidade do Espírito Santo

A minha contribuição foi a de trazer métodos e ferramentas para a gestão do Projeto, de seus processos, da identificação das fragilidades e potencialidades, e de criar uma metodologia para acompanhar a evolução e aperfeiçoamento desse processo. Foi através de uma gestão mais atenta que a gente foi conseguindo implementar as modificações para alavancar o Vale Música”

Andressa Azevedo de Souza Aguiar

Na sua memória, como se deu o início de sua participação no Projeto Vale Música?

No final de 2012, eu vim transferida para a área que hoje chamamos de Gerência de Sustentabilidade da Vale – que, na época, se chamava Gerência de Relação com a Comunidade do Espírito Santo –, para coordenar os projetos sociais desenvolvidos pela Vale na Grande Vitória. Um dos projetos na minha cartela de coordenação era o Projeto Vale Música. Embora fosse uma iniciativa da Fundação Vale na época, a gente sempre fez essa dobradinha. Porque a Fundação fica no Rio e ela nunca teve braço local para acompanhar de perto as iniciativas. E eu era esse braço local para acompanhar as iniciativas na Grande Vitória. Cheguei no final de 2012 e comecei a fazer o acompanhamento mesmo, in loco, em 2013, bem no início das atividades da Estação Conhecimento. O Vale Música é anterior à Estação Conhecimento e estava em fase de migração para onde está hoje.

Essa fase de migração para a Estação Conhecimento é importante, pois corresponde a um momento de profissionalização de gestão, certo?

Quando cheguei, o Projeto estava numa fase muito ruim. A Estação Conhecimento estava com dificuldade de fazer a gestão do Projeto. Havia um desalinhamento entre a Estação e a coordenação do Vale Música. Como o meu papel sempre foi o de gerenciar os projetos, fiz uma avaliação e um planejamento

para identificar quais eram as fragilidades e os pontos fortes que continuavam com potencial. Foi muito difícil para continuar defendendo o Projeto, porque eu tive que enfrentar alguns desafios na Vale, que, na época, era a principal mantenedora, sobretudo de repasse de recurso direto. Era um período em que a empresa estava se recuperando da crise de 2008. Como consequência, os recursos para as iniciativas sociais tinham sido reduzidos e tínhamos o grande desafio de manter o Projeto com recurso direto.

Em 2012, o Vale Música funcionava apenas seis meses por ano. Isso era muito ruim, pois havia uma dificuldade para manter o trabalho de formação das crianças e adolescentes em música, e eles passavam metade do ano parados. Então, fiz um trabalho de identificação dessas fragilidades. A gente construiu isso com a Estação Conhecimento; eu e a Ana Angélica fizemos uma dobradinha muito importante do ponto de vista de gestão, no sentido de, juntas, entendermos quais eram as fragilidades e caminhar para poder implementar uma série de mudanças para que o Vale Música conseguisse estar no patamar que está hoje.

Essa fase de adversidades e dificuldades é normal dentro de uma história de 20 anos, não?

Tem suas dificuldades e você precisa passar por ciclos. Você implementa um ciclo, busca o pico alto da maturidade, desce, e é por isso que você precisa fazer o tempo todo o processo administrativo rodar: precisa planejar, executar, avaliar e repla-

nejar para que isso se mantenha. Logo que entrei, a gente estava numa época de replanejamento. Precisávamos mudar as bases com as quais o Vale Música estava funcionando para resgatar e revigorar o Projeto, para que ele pudesse atingir outro patamar. Ainda em 2013, começamos a fazer as primeiras modificações.

Na época, optamos pela mudança de coordenação do Projeto e trouxemos a Júlia Sodré, para que ela trouxesse a visão de gestão de projeto cultural para o Vale Música. Infelizmente, a Adriana Dutra, que era maestra e coordenadora, decidiu sair. Já nesse primeiro ano, conseguimos observar algumas mudanças rumo à retomada de qualidade técnica. Em 2013, conseguimos essa guinada para um aproveitamento de oportunidade. Lembro que o Milton Nascimento veio fazer uma apresentação em Vitória e perguntei para a Júlia se ela não conseguiria que a gente fizesse um concerto em homenagem aos 70 anos do Milton. Aí, a Júlia articulou com a produtora Tânia Caju, que tem ligação com o Milton, para a gente conseguir realizar a apresentação direto com o Milton Nascimento e organizamos uma homenagem a ele no final do ano, no Parque Botânico Vale, restrita aos familiares dos alunos do Vale Música e a alguns convidados externos, estratégicos para a Vale em termos de relacionamento. Foi assim que iniciamos o processo de retomada de grandes apresentações proporcionadas pela Júlia desde que ela assumiu o Projeto.

Eu acompanhei o Vale Música até 2018. Nesse período, conseguimos captar mais orçamento internamente e, então, num primeiro momento, colocamos recursos do Fundo da Infância

e da Adolescência, misturados a recursos diretos, que a Vale passava para a Fundação, e a Fundação repassava para a Estação Conhecimento gerir o Projeto. Até que, no final de 2018, conseguimos que o Projeto ainda fosse patrocinado.

A gente sempre soube o quanto o Projeto era transformador para as crianças e adolescentes que estavam lá. O que sempre persegui como ideal foi que o Vale Música continuasse mantendo suas atividades, acompanhando todos os resultados que o Projeto proporcionava de forma individual e muito particular para cada criança e cada adolescente.

Infelizmente, no final de 2018, por mudanças de recorte de estrutura, eu me afastei do Vale Música. Mas fico muito feliz por tudo o que pude contribuir para que o Projeto, que estava adormecido em 2012, esteja hoje em dia cheio de força, porque, por meio desses recursos, conseguimos trazer profissionais que fizeram a diferença para o Vale Música.

A gente está trabalhando com crianças e adolescentes que têm tantos direitos violados em suas vidas, então, não devemos poupar esforços para que eles tenham as melhores experiências, os melhores recursos a que têm direito e o que eles merecem para que possam ter ali uma parte da sua vida, com todos os direitos que merecem. Cito com muito carinho a Júlia e a entrada do Eduardo Lucas. O Eduardo é um divisor de águas, porque ele não era maestro. É um exemplo muito feliz porque ele foi impactado diretamente na sua formação. Ele não era um maestro, mas a Júlia viu nele potencial, o convidou para se aperfeiçoar e assumir essa função. Ele abraçou a oportunidade com todas as forças e se tornou um maestro, se tornou um mes-

tre na música, se fortaleceu e influencia externamente o Vale Música. Ele está na FAMES também, sempre se fortalecendo e, sem dúvida, é uma referência para as crianças, os adolescentes e os jovens, como uma pessoa que veio da periferia, recebeu uma oportunidade e faz a diferença. Nossos jovens precisam é de oportunidade e sou muito feliz por ter participado desse Projeto e de ter dado minha contribuição para o Vale Música mudar de patamar.

Quais ações foram implementadas no sentido de ampliar e fortalecer o Projeto?

Eu não posso falar de gestão técnica direta porque não sou musicista, não entendo de música, mas a minha contribuição foi a de trazer métodos e ferramentas para a gestão do Projeto, de seus processos, da identificação das fragilidades e potencialidades, e de criar uma metodologia para acompanhar a evolução e aperfeiçoamento do processo. Foi através dessa gestão mais atenta que a gente foi conseguindo implementar modificações para alavancar o Vale Música. Como resultado, posso garantir que saímos de um Projeto que tinha suas atividades paralisadas, que tinha poucos recursos, que estava com seus instrumentos avariados, precisando ser trocados, para um Projeto que está funcionando permanentemente com o triplo de recursos financeiros. Com isso, conseguiu trazer excelentes profissionais, nas mais diversas modalidades, e implantou de novo uma escola de música – porque o Vale Música é uma escola de música –, desenvolvendo essas grandes produções

que são importantes para que os meninos tenham uma experiência de enxergar o resultado do seu processo de dedicação, de estudo e que também aproxima a Vale dos nossos públicos estratégicos de relacionamento.

Hoje, o Vale Música não tem só uma agenda de apresentações e concertos culturais, mas também tem uma agenda de apresentações junto às nossas comunidades prioritárias de relacionamento, e isso foi importante para os meninos circularem em outros ambientes. A comunidade de baixa renda consegue ser beneficiada porque tem acesso ao Vale Música, mas a comunidade de média e de alta renda pode se beneficiar também, porque pode assistir a uma apresentação cultural dessa magnitude, formada por crianças e adolescentes que têm a oportunidade de contar com essa formação musical e de receber uma base de habilidades e competências socioemocionais superimportantes para a formação do indivíduo.

Qual a importância de Projetos como o Vale Música para a Vale S.A.? A longevidade do Projeto é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que transformam a vida dos nossos jovens e a realidade social?

Nós passamos, ao longo do tempo, por processos, por etapas diferentes nesse entendimento do exercício da responsabilidade social corporativa. Hoje, a sociedade é muito mais crítica e exigente sobre a participação dos seus diversos setores na contribuição e no enfrentamento dos desafios sociais que vivemos. Mas também existe uma maturidade interna e

o entendimento de que não há outro caminho para uma empresa sem que ela se veja como corresponsável no processo de desenvolvimento socioeconômico nos territórios onde atua. Precisamos migrar para uma sociedade na qual se assumam como imprescindível a participação de todos, de cada ente do poder público, da iniciativa privada, do terceiro setor e dos cidadãos, que, indiscutivelmente, precisam dar sua contribuição. Sabemos que nossas questões sociais são tão desafiadoras, que é impossível tratá-las em um curto período de tempo. Precisamos, de fato, ser efetivos nesse processo. Posso dar como testemunho que trabalho em uma empresa que quer fazer isso seriamente. A manutenção do Vale Música, durante 20 anos, é a prova de que nós não fazemos marketing na área social. E a Vale pôde dar sua contribuição na área social, ela quer e o faz de fato. Por isso, mantemos uma iniciativa como o Vale Música por 20 anos. A Vale sabe que, para ser um centro de excelência e funcionar como referência de boas práticas, é necessário aplicar as boas práticas nos territórios em que a empresa está inserida.

O Vale Música é um exemplo de que podemos dar uma contribuição de forma efetiva, que, principalmente, atenda aos anseios do território e das pessoas que estão nesse processo. O Vale Música é resultado dessa troca. Nos períodos de baixa, houve inúmeras discussões para encerrar o Projeto. Entre os fatores que nos mantiveram ativos, mesmo com todas as adversidades, o que mais pesou foi a dificuldade de falar para essa criança, para esse adolescente, para esse jovem que, no ano seguinte, não haveria mais o Projeto. A gente não tinha condições huma-

nas de fazer isso, o que nos motivava a enfrentar os desafios e a buscar todos os recursos, todas as alternativas, a nos reinventar, a nos aprimorar para manter esse Projeto de pé.

Que momentos mais marcantes e emocionantes você vivenciou com o Projeto Vale Música Espírito Santo? Quais apresentações e concertos ficaram na memória?

A homenagem ao Milton Nascimento é o primeiro momento que me vem à cabeça. Lembro que chorei muito. Foi um momento profissional muito desafiador para mim, porque posso dizer que internamente enfrentei sozinha a manutenção dessa iniciativa. Então, quando vi todo mundo lá sentado, o coro a postos, com a presença do Milton Nascimento, foi a hora em que desabei a chorar, pois aquele foi, de fato, um ano muito desafiador e que podia ter dado tudo errado, e eu estava ali, à frente, comprando aquilo tudo. Foi um momento de alívio. (choro).

Outro momento que lembro, anterior a esse que narrei, foi quando mudou a gestão do Vale Música com a entrada da Júlia. Começamos a ter acesso às informações do Projeto. Esse momento – acho em abril de 2013 – foi muito marcante para mim, pois destaca a retomada de todo o processo: do Vale Música do fundo do poço ao Vale Música do teatro, das luzes, do reconhecimento e dos aplausos.

Outro momento do qual lembro muito e pelo qual sou repleta de gratidão foi no ano em que homenageamos o Ivan Lins. Ele foi de uma humanidade... Eu não sei se você pode imaginar. Presenciei o Ivan Lins em alguns momentos muito importantes.

O primeiro, foi quando ele veio a Vitória para o ensaio, com a banda, e um dos professores do Vale Música estava nessa banda, com a qual ele iria se apresentar no concerto. O professor falou que participava de um projeto social que iria homenagear a obra do Ivan, e o Ivan disse:

- Como assim? Você vai homenagear a minha obra com um projeto social e não me convida para conhecer?

Foi aí que a Júlia arquitetou um ensaio na sala da orquestra, no Parque Botânico. Quando o Ivan Lins chegou, os meninos estavam cantando uma música sobre o amor à Pátria – acho que era “O Amor é o meu País”. A maestrina Hellem tinha feito um arranjo muito bonito e lembro que o Ivan chegou à sala, se sentou e chorou. Foi muito emocionante... Depois, tiramos foto com os meninos e ele ficou superagradecido.

Outro momento foi no concerto que fizemos na Assembleia Legislativa. Era o Dia do Ferroviário e os meninos cantaram uma música do Milton Nascimento que reproduzia o barulho de um trem. Eu e Ana Angélica tivemos que partilhar o lenço de tanto que a gente chorava...

Foi também muito bonito quando decidimos fazer algumas apresentações itinerantes do Vale Música pelos prédios da Vale. Os meninos faziam a coreografia, já com o Coro Jovem. Eles abriram o concerto com a música do trem e lembro que a Salma, nossa Diretora Institucional, que ficava em Brasília, estava presente. E aí a convidamos para ir até o hall do edifício, para ela poder assistir, e tive que tirá-la do meio da plateia porque ela estava completamente tomada de emoção ao assistir à apresentação do Vale Música.

Você se lembra de pessoas e famílias que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos? De ex-alunos que hoje se destacam na carreira acadêmica e musical?

Ao longo dos cinco anos completos em que acompanhei o Projeto Vale Música, pude vivenciar diversas transformações de vida marcantes. Não existe presente maior para quem trabalha na área social do que ver que o seu trabalho pôde fazer a diferença na vida de tantas pessoas.

Posso citar três experiências de vida que acompanhei muito de perto. O Matheus Otoni é um desses jovens. Tive acesso ao Mateus em 2015. Nesse ano, a Vale fez uma campanha com os exemplos de transformação de vida proporcionados pela Estação Conhecimento, e o Matheus foi um dos jovens que escolhemos para participar. A ideia era filmar a rotina desses meninos, desde o momento em que eles acordavam. A agência foi realizar a filmagem na casa do Matheus e aí a gente se deparou com o primeiro desafio: não tinha como fazer o Matheus acordando porque ele não tinha cama para dormir. Então, para fazer a propaganda, a agência comprou a cama e depois essa cama ficou para ele. É um exemplo de mudança porque sua condição de vida era muito precária, além de outras questões sociais envolvidas. E, graças ao Vale Música, ele foi para Fames, começou uma atividade remunerada no Vale Música como estagiário do Projeto, e ele conseguiu uma oportunidade de mudança de vida por causa do Vale Música.

O outro aluno se chama Mauro Júnior. Ele foi estudar na melhor escola de música da América Latina, em Tatuí (SP), e não

tinha condições de se manter lá. Ele estava pleiteando uma bolsa, mas o resultado iria demorar e ele não tinha condições de se manter lá até sair o resultado. Então, fizemos uma vaquinha interna para que juntássemos recursos para mantê-lo nos primeiros meses e deu certo. O objetivo era proporcionar essa experiência para ele, que era tão talentoso e que só precisava de um empurrão, de uma oportunidade. Hoje ele está muito bem profissionalmente e estuda na USP.

O terceiro exemplo é o Elias, um menino jovem, talentoso e que estava totalmente perdido, sem perspectiva de vida. Com 20 anos, ele tinha uma função bem árdua de cuidar da sua mãe com AVC e do pai, que tinha outra enfermidade, e a vida dele estava totalmente parada, sem estudar nem trabalhar. Então, com esse olhar muito generoso e muito dedicado que a Júlia emprega individualmente a cada um dos alunos, ela provocou o Elias para que ele viesse para o Vale Música. Ele logo se destacou e participou do programa “The Voice Brasil” (TV Globo). Para mantê-lo no Projeto, fizemos uma alteração nas regras. Como ele estava estourando a faixa etária para participar, a Júlia fez uma sugestão, que eu e Ana prontamente acatamos, para ampliar a faixa etária do Vale Música, porque sabíamos que manter o Elias no Projeto por mais tempo seria determinante para oferecer uma perspectiva de vida para ele. Depois disso, ele foi aprovado na FAMES, e a Júlia vem acompanhando de perto para que ele possa ter a oportunidade de geração de renda, o que é importante para ele. Ele precisa muito disso, pois seus pais não têm condições de trabalhar por causa das enfermidades. O Elias virou um dos nossos cantores oficiais. Sempre que fazemos eventos na Vale, nós o contratamos.

ANDRESSA FONSECA NASCIMENTO



Foto: Thalys de Oliveira Alves

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Superior completo. Bacharel em Administração

Função atual

Estudante de Educação Física

Vivi muitos momentos no Projeto Vale Música. Além de trabalhar nele, também trabalhava na parte administrativa dos concertos da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (à época Ofes), então, tenho um grande carinho por esse período da minha vida profissional. Entre os momentos marcantes, lembro quando fomos ao Mosteiro Zen-Budista para os alunos executarem a trilha sonora de um filme para o Vitória Cine Vídeo (era lindo isso!). Também me marcou muito conhecer o Projeto Vale Música em Belém"

Andressa Fonseca Nascimento



Andressa Fonseca cuidava do setor administrativo da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo na primeira década do Vale Música. Foto: Thalys de Oliveira Alves

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

O projeto teve início na extinta Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Foi uma iniciativa da Associação em parceria com a Fundação Vale. Os idealizadores foram os diretores da Associação na época: José Benedito, Antônio Marcos (Tônico Cardoso) e uma funcionária da Vale cujo nome não me recordo. O projeto Vale Música era composto

pela “Academia de Ensino” e os “Concertos Didáticos”, e ambos tinham profissionais da Oses (extinta Ofes). Havia parceria com as secretarias de Educação e Ação Social da Grande Vitória.

Qual o seu papel no início do Projeto? Em que ano entrou no e quando assumiu a coordenação administrativa?

Eu já trabalhava no administrativo da Associação (era tudo muito pequeno). No ano seguinte ao que entrei na instituição, em 2003, fui convidada pela direção para atuar no administrativo do Projeto, indo às sextas-feiras nas aulas da Academia de Ensino (as aulas ocorriam em apenas um dia!). Ao atuar no Administrativo, percebi que o Projeto necessitava de mais acompanhamento nessa área (aliás, no todo). Percebi então uma oportunidade, pois, na época, além de ser bem jovem, eu também cursava Administração de Empresas. Eu e o Projeto fomos crescendo, e, após dois anos, assumi definitivamente o cargo de coordenadora. Tudo era muito novo... havia muito trabalho, muita demanda, mas também muita paixão pelo trabalho.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento (faixa etária, escolaridade, região... eram todos da Serra)?

Inicialmente, o perfil era o seguinte: adolescentes em situação de vulnerabilidade social da Grande Vitória (Vila Velha, Vitória, Serra e Cariacica). Havia um coral infantil com crianças, ministrado pela professora Gracinha Machado para alunos de Vitória. Quem encaminhava os alunos eram as assistentes so-

ciais. Não havia seleção nenhuma para teste de aptidão.

Por volta de 2006 (não tenho certeza do ano), o Projeto passou por uma reestruturação, com a implantação de novas metodologias. Em 2008, passou a realizar teste de aptidão. Um novo Coral tomou forma. Foi nesse ano que o Projeto passou a ter uma unidade em Novo Horizonte, pois a Vale queria um projeto naquele município. Muitas famílias e alunos nos procuravam, pois muitos jovens tinham o sonho de estudar no Vale Música. Por volta de 2008, saímos da Faculdade de Música e passamos a ter uma sede própria no bairro Enseada do Suá (era um sonho meu que o Projeto tivesse sede própria...rs).

De que apresentações e momentos mais marcantes você se lembra no período em que permaneceu no Vale Música?

Eu vivi muitos momentos no Projeto. Além de trabalhar nele, também trabalhava na parte administrativa dos concertos da Oses (extinta Ofes), então, tenho um grande carinho por esse período da minha vida profissional. Concertos marcantes: no Theatro Carlos Gomes (ES), no Teatro Glória (ES), no Theatro Municipal (RJ). Outro momento marcante se deu quando fomos conhecer o Mosteiro Zen-Budista para os alunos executarem a trilha sonora de um filme para o Vitória Cine Vídeo (era lindo isso!). Também me marcou muito conhecer o Projeto Vale Música Belém. O Coral deles! A partir dessa experiência, lutamos aqui para fazer espetáculos musicais, graças à regente Adriana Dutra.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico pro-

fissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Lembro do Ariel (flauta), Wagner (percussão) e Denise (violino). Fico muito feliz quando vejo que os ex-alunos seguiram carreira na música ou em outras profissões.

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos?

No momento, lembro dos meninos que mencionei. Lembro da Lóide, que hoje é nutricionista. Mas foram muitos alunos! Alguns alunos também tiveram uma experiência bem legal quando foram para o Projeto “Alma Brasileira” (eu até ajudei na organização indicando os alunos de destaque).

Tantos anos depois de sua participação, você pode expressar o que o Vale Música representou para sua vida?

Trabalhar no Projeto Vale Música e na Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo representou amadurecimento, experiências únicas, felizes lembranças (a maioria) e algumas que não valem a pena ser lembradas. Vida que segue.